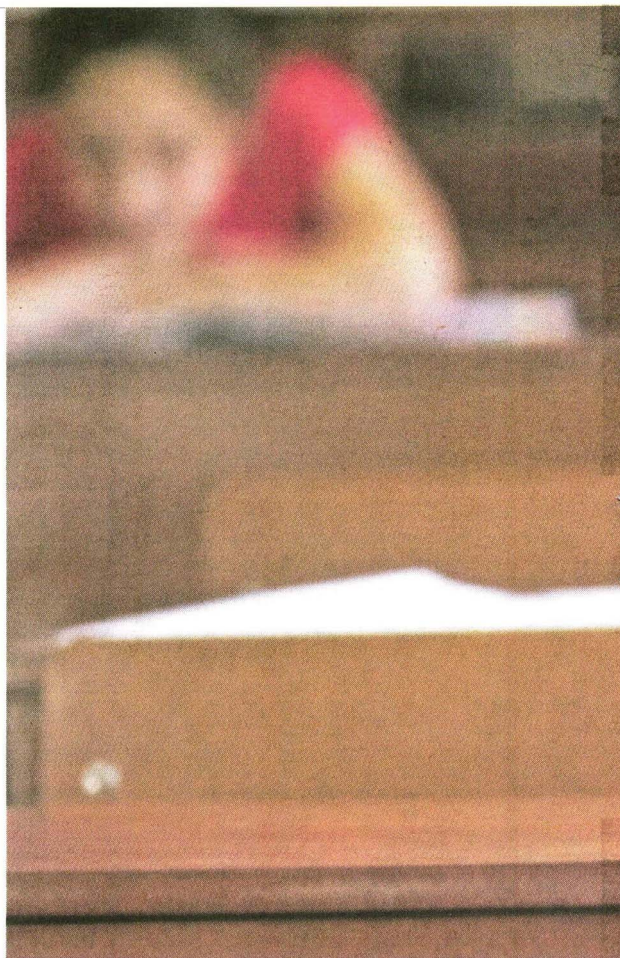




Radar

De quem será a culpa?
Dos alunos que não se
esforçam e não se
interessam o suficiente
pelas matérias de estudo?

DREAMSTIME



“Arranquem essa página!” Para que serve o que a escola nos ensina?

Raízes quadradas, derivadas, orações subordinadas...
Valerá mesmo a pena matar a cabeça a empinar tudo o que é exigido?
E o que fica dos milhares de horas consumidas na sala de aula?

JOSÉ CABRITA SARAIVA
jose.c.saraiva@ionline.pt

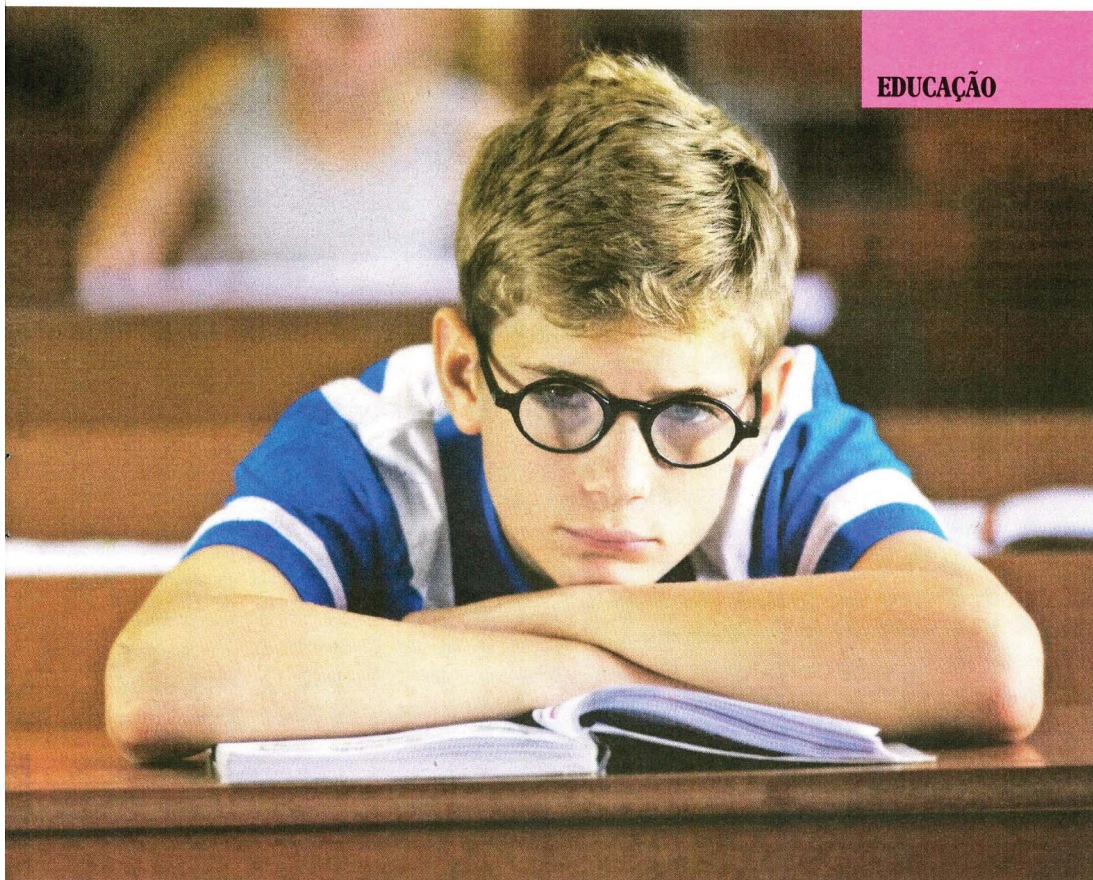
Alunos desmotivados, professores desesperados, pais apreensivos: o desanimador cenário repete-se por salas de aula e lares de norte a sul, um pouco por todo o país.

A quem deverão ser atribuídas as culpas por este estado de coisas no ensino? Aos alunos, que deviam interessar-se pela matéria ensinada na escola mas que em vez disso só querem brincadeira e telemóvel? Aos professores, que não conseguem tornar os conteúdos estimulantes?

Aos pais, que não explicam aos seus filhos a importância do que se aprende na escola? Ou às matérias ensinadas – nas quais os jovens não encontram qualquer utilidade nem relação com as suas vidas, anseios e preocupações?

“Mas afinal para que é que isto serve?”, questionam-se eles, enquanto se debatem com raízes quadradas, derivadas, orações subordinadas e outras que tais. Valerá mesmo a pena matar a cabeça para empinar tudo o que é exigido?

A discussão não é nova. Já em 1947 António José Saraiva fazia um dia-



EDUCAÇÃO

gnóstico arrasador do ensino num opúsculo intitulado *A Escola - problema central da nação*: "Em troca de um quadro social bem definido, a escola ofereceu essa coisa dispersa e acéfala que é a aula colectiva, onde os alunos estão ligados pela solidariedade do tédio; em troca de tarefas bem definidas cuja finalidade era imediatamente percebida pelo educando, a Escola ofereceu a 'lição' que o aluno recebe passivamente do professor. Neste novo quadro o aluno sente-se já não uma criatura com uma tarefa e um lugar bem definido na vida, mas um ser sem norte nem objectivo, cujo único papel é o de deixar correr o tempo porque tanto faz o dia de amanhã como o de hoje". Muitos alunos de hoje, que esperam ansiosamente pelo toque que anuncia o fim da aula e o regresso à liberdade, não teriam dificuldade em rever-se nestas linhas escritas há perto de oito décadas. Rematava o historiador da cultura: "A Escola está formando em vez de homens essa coisa sem forma e sem espinha a que se chama o 'estudante', produto social típico dos nossos métodos pedagógicos".

A REVOLTA CONTRA O ESTRANGULAMENTO Levando a indagação ainda mais longe, pode-se questionar não apenas a utilidade do que se aprende na escola, mas inclusivamente se

é benéfico ou pernicioso. Até que ponto o ensino massificado, tipo 'linha de montagem', ao invés de desenvolver, formata os alunos todos por igual, limitando-os e castrando-os na sua individualidade?

Há 99 anos, num texto destinado ao terceiro número da revista *La Révolution surréaliste*, Antonin Artaud denunciava: "A Europa lógica esmaga incessantemente o espírito entre os martelos de dois termos, abre e torna a fechar o espírito. Mas agora o estrangulamento está a atingir o seu grau mais elevado, há demasiado tempo que sofremos debaixo do arnés".

Um bom exemplo da revolta contra o "estrangulamento" é a atitude de um professor carismático, de seu nome John Keating, superlativamente interpretado no grande ecrã por Robbin Williams. O filme, baseado no romance de N. H. Kleinbaum, é, claro, *Clube dos Poetas Mortos*.

Enquanto um dos alunos lê uma página de *Understanding Poetry*, obra ficcional que propõe uma fórmula para avaliar a boa e a má poesia, o professor levanta-se e desenha um diagrama no quadro. Um dos alunos, pouco interessado na leitura, divaga; outro aproveita para dar uma dentada no lanche; a maioria ouve e copia obedientemente o diagrama do quadro. Até que Keating introduz uma nota de irreverência

que vai agitar a assembleia: "Lixo! Escória! Quero que rasguem isso". Os alunos parecem indecisos, não sabem se aquele professor meio louco está mesmo a falar a sério. Por isso ele encoraja-os. "Vamos, arranquem essa página. Isso não é a Bíblia, não vão para o inferno. Quero esse lixo no caixote, que é onde ele devia estar". A passividade dá lugar a sonoridades gargalhadas.

SIMPATIA PELA CIGARRA Outro intelectual desalinado, Agostinho da Silva, apontava: "Diria pensar que a natureza humana, mais do que boa é excelente; que a sociedade e nela a educação, ajudando o homem a

sobreviver, o tem limitado, e muito, no melhor, que é o seu ser livre". Num outro texto sobre a escola, Agostinho defenderia a alegria, por oposição ao sentido do dever. "Os interesses e os apetites dos homens, devem ceder seu trono às características infantis de atenção contínua à vida, de existência total no presente, de ignorância de códigos, manuais e fronteiras, de integração no sonho, de valorização do jogo sobre o trabalho, de simpatia pela cigarra, que logo a nossa escola substitui pelo aplauso à formiga, já que (a primeira) convém à alegria, apenas, e a outra ao lucro". Por outras palavras, a sociedade faria melhor em aprender com as crianças, em vez de tentar moldá-las aos seus propósitos.

"PARECE UM ASILO" Que a escola desempenha um papel fundamental na sociedade, ninguém duvida. Quem aturaria as crianças e jovens enquanto os pais estão a trabalhar? Quem lhes ensinaria os rudimentos de Português, Matemática, História, Geografia, Físico-Química, etc.?

O problema parece a insistência na vertente mais teórica, com um certo pendor para a burocracia. Para quê ensinar tanta e tão complexa gramática, por exemplo, quando todos nós aprendemos a falar - alguns corretamente - sem precisar para isso de conhecer as regras da cons-

Será que ensino tipo 'linha de montagem', em vez de desenvolver, castra os alunos?

"A Europa lógica esmaga incessantemente o espírito entre os martelos de dois termos", denunciava Artaud

trução frásica e a sua complexa nomenclatura? Não poderá esta insistência acabar por provocar o desinteresse, quando não a rejeição da própria língua? Espremidos os milhares de horas consumidos na escola, o que fica para a vida? É no mínimo preocupante que, ao fim de 12 anos de estudos, muitos cheguem à universidade sem saber escrever e falar corretamente.

"Nós exigimos da criança aquilo que não admitiríamos para nós próprios: que ela tenha o amor da ciência pura e desinteressada, e que ela se reduza a uma atitude meramente passiva e receptiva", continuava Saraiva, com o seu aguçado sentido crítico. "É claro que em tais condições a matéria ministrada nas escolas não pode interessar o aluno normal. O estudo é um trabalho a que ele não vê finalidade: é como para um burro andar à nora. E o que é que nós inventámos para obviar a esta situação, para criar na escola um interesse e um objectivo visível a alcançar? Inventámos, como sabeis, o sistema do exame e da nota".

Em seguida, o historiador enumerava como o sistema de avaliação pode ter resultados perversos: "Se for possível alcançar a nota sem aprender a matéria, o aluno tentá-lo-á visto que a nota é o seu único objectivo; e a fraude torna-se, por esta razão não um caso esporádico mas geral e comum, a tal ponto que o aluno perde a noção da fraude. Se por outro lado o aluno tem uma personalidade exuberante e bem desenvolvida os impulsos normais da sua idade, sem ter a par disto um grande poder de inibição, será um fracassado na escola porque não conseguirá substituir os seus interesses espontâneos por interesses fictícios e impróprios da idade; e assim muitas crianças vigorosas e inteligentes serão inutilizadas pela vida escolar. Finalmente muitos alunos fracamente dotados, sem interesses acentuados, pouco activos, anormais para a sua idade, conseguirão bons resultados, devido precisamente à sua passividade. As nossas turmas tornam-se desta maneira ajuntamentos de fraudulentos inconscientes, fracassados e pequeninos sabichões inúteis e sem unhas para a vida. A Escola parece antes um asilo", concluía. Palavras especialmente fortes, porquanto foram proferidas, originalmente, na sessão solene de inauguração do ano letivo no Liceu Gonçalo Velho, em Viana do Castelo, onde António José Saraiva dava aulas. Em pleno Estado Novo, com uma veia subversiva tão acentuada - conta-se que chegou a mandar os alunos rasgarem páginas de manuais, num gesto que antecipava a cena de *Clube dos Poetas Mortos* -, não admira que acabasse preso e pouco depois demitido do lugar de professor dos liceus.

A Radar //

Professores. Baldes para apanhar a chuva, alunos carenciados e o peso da burocracia

O *i* ouviu professores de diversas faixas etárias e ciclos distintos, para entender quais são os principais problemas que veem no modelo de ensino atual no país. As respostas são consensuais.

MARIA MOREIRA RATO
maria.rato@online.pt

O que seria necessário fazer para que os estudantes tirem o maior partido do ensino e aprendam a lidar com as exigências da sociedade contemporânea? A integração das tecnologias é essencial para preparar os alunos para o futuro, mas as escolas precisam de mais recursos e formação específica para os professores. “Estamos a avançar, mas a resistência em algumas escolas é clara. Muitos professores ainda se sentem desconfortáveis com o uso constante de ferramentas digitais e preferem manter métodos tradicionais”, diz um professor jovem do ensino básico ao *i*.

De facto, vozes como o especialista Patrick Götz argumentam que a tecnologia tem de ser integrada de maneira mais eficaz nos planos curriculares. Em entrevistas observa que, enquanto países do norte da Europa já adotaram modelos de ensino baseados em projetos e tecnologia, Portugal ainda se baseia em abordagens mais tradicionais. Para Götz, a pandemia de covid-19 foi uma oportunidade para repensar o ensino, utilizando métodos como aprendizagem autónoma e resolução de problemas com o apoio de tecnologias, como a robótica. Habitualmente, destaca a importância de desenvolver

competências práticas nos alunos, em vez de apenas nos focarmos em conteúdos académicos aos quais as crianças e os adolescentes podem aceder facilmente *online*.

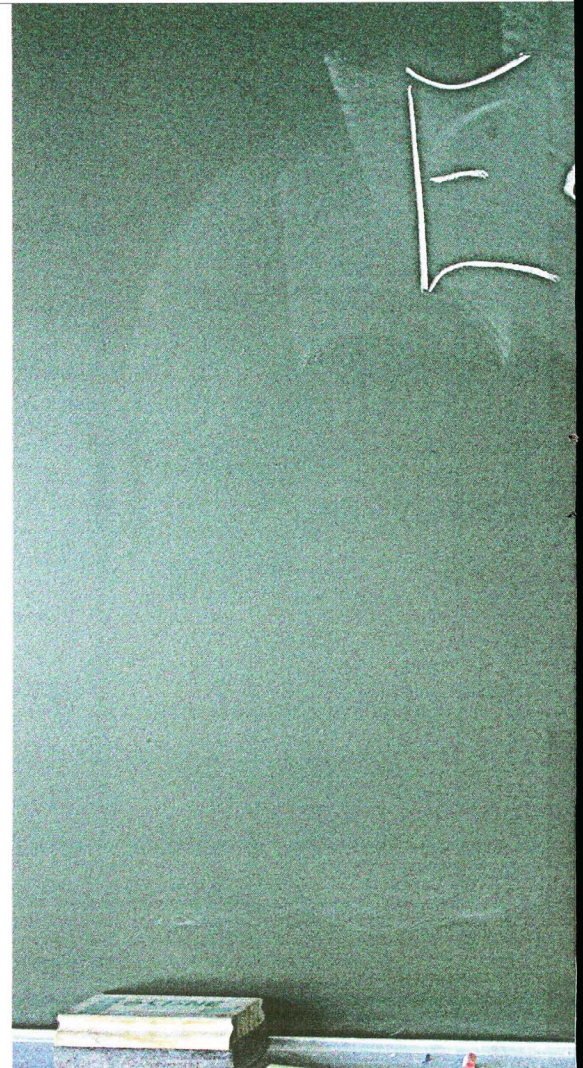
Por outro lado, alguns professores consideram os manuais escolares um recurso indispensável para organizar e estruturar o ensino. “Os manuais desempenham várias funções, como orientar a sequência de aprendizagem, fornecer materiais de apoio para os alunos e professores e ainda facilitar a avaliação dos conteúdos aprendidos”, partilha uma professora, na casa dos 60 anos, de Português do Ensino Secundário, com o *i*. No entanto, é comum ouvir críticas sobre a adequação dos manuais às necessidades específicas dos alunos, uma vez que muitos são feitos para um ‘aluno médio’ — conceito que parece, cada vez mais, não fazer sentido —, deixando lacunas nas abordagens para grupos mais diversos.

Os resultados preliminares do estudo **Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória** apontam para um desfasamento entre as novas orientações curriculares e os manuais existentes. Apesar das reformas, os manuais escolares não foram atualizados para refletir as novas exigências educacionais, o que força os professores a adaptarem as suas práticas de ensino para corresponder aos

desafios do currículo, sem o suporte adequado dos manuais. O artigo também discute o papel central dos manuais escolares, que são vistos como recursos indispensáveis tanto para professores quanto para alunos. Ajudam na organização das aulas, no desenvolvimento de atividades pedagógicas e na avaliação das aprendizagens. No entanto, os professores apontam que os manuais não acompanham as mudanças no perfil e nas competências exigidas pelos alunos no final da escolaridade obrigatória.

“É impossível acompanhar as novas exigências sem uma formação contínua que realmente prepare os professores para as mudanças. A inovação curricular não pode ser só teórica como muitos pensam: tem de ser prática”, diz uma atual professora de Inglês do Ensino Básico, na casa dos 40 anos, finalizando que “há professores veteranos que lutam contra a mudança porque não têm as ferramentas ou a confiança necessárias para incorporar a tecnologia de forma eficaz no ensino”.

CARÊNCIA DE RECURSOS E INFRAESTRUTURAS “Muitas escolas sofrem com a falta de infraestruturas adequadas (como salas de aula bem equipadas, materiais didáticos atualizados e tecnologia). Isto prejudica a qualidade do ensino e afeta direta-



mente a experiência dos alunos e professores”, declara ao *i* uma professora do Ensino Básico, de História e Geografia de Portugal, que já deu aulas em salas com baldes para conter a chuva que caía do teto nos dias de mau tempo.

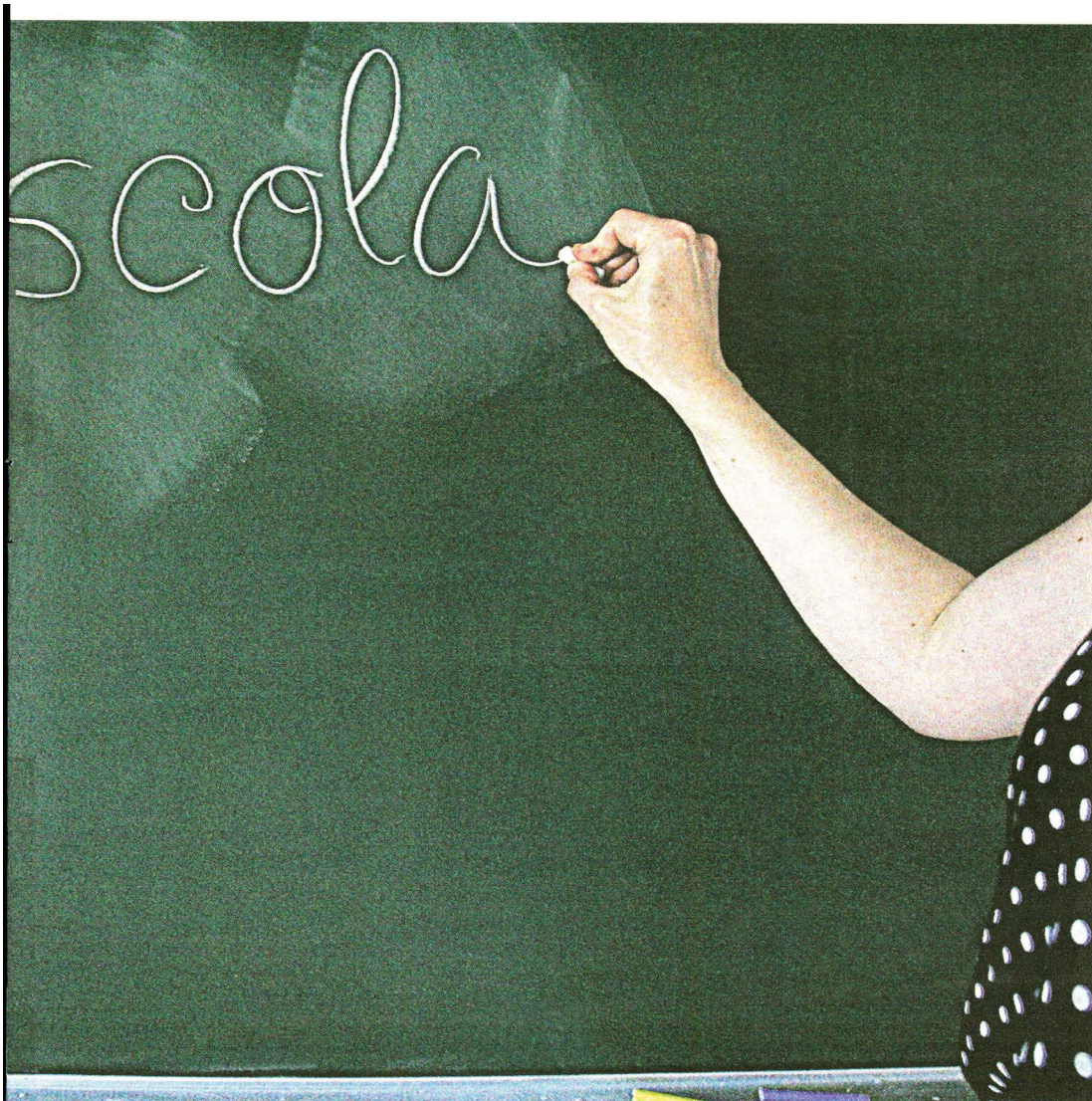
“É impossível acompanhar as novas exigências sem uma formação contínua”, desabafa uma docente

“Muitas escolas sofrem com a falta de infraestruturas adequadas”, lamenta outra professora

“Além disto, que já é inadmissível, a crescente pressão sobre os estudantes e o ambiente escolar, somada ao aumento das dificuldades socioeconómicas, exige mais apoio psicológico e pedagógico nas escolas, algo que ainda não está amplamente disponível”, observa a docente.

Um estudo realizado por José Verdasca (2016) analisa como as variáveis socioeconómicas influenciam o desempenho dos alunos no ensino secundário em Portugal. O estudo aponta que alunos de famílias com maior nível de educação e status socioeconómico superior têm um desempenho melhor nos exames nacionais.

Também os relatórios da OCDE frequentemente abordam o impacto previsível das desigualdades socioeconómicas no desempenho escolar em Portugal. Estes trabalhos indicam que os alunos de classes mais baixas em Portugal têm mais dificuldades para alcançar bons resultados académicos, o que é eviden-



Os professores entrevistados pelo *i* partilham preocupações semelhantes

MIGUEL SILVA

ciado pela sua menor taxa de sucesso em exames e maior taxa de abandono escolar.

A DIFERENÇA NO ACESSO A OPORTUNIDADES Seguindo a mesma linha de pensamento, o estudo *Segregação Escolar em Portugal: Causas e Consequências* (2019), realizado por investigadores portugueses, discute como a segregação social nas escolas contribui para as desigualdades educacionais no país. A pesquisa observa que a segregação geográfica e a concentração de alunos de classes sociais mais baixas em escolas públicas em regiões desfavorecidas limitam as oportunidades desses alunos.

A Fundação Gulbenkian também realizou pesquisas sobre a educação em Portugal, abordando temas como a desigualdade no acesso a oportunidades de ensino superior, especialmente entre os alunos de classes mais baixas. O estudo conclui que, embora o acesso ao ensino superior tenha

aumentado, este ainda é condicionado pela classe socioeconómica, com alunos de famílias mais favorecidas a terem mais acesso a informações e recursos que os auxiliam no processo de ingresso nas universidades.

"Noto que os meus alunos que, claramente, só fazem refeições na escola ou comem pouco em casa não têm força física nem psicológica para se manterem atentos nas aulas", partilha com o *i* uma professora em início de carreira. "Já cheguei a levar pequenos snacks para as aulas porque dou aulas numa zona já carenciada que, na sua maioria, é composta por famílias com poucos recursos financeiros. Tenho muita pena dos miúdos e já tentei pedir ajuda à direção, mas dizem-me que não podem fazer muito mais. Há o almoço e o lanche, para alguns, e ponto final", lastima.

EXCESSO DE BUROCRACIA E AVALIAÇÃO De acordo com os professores ouvidos pelo *i*, o sistema de avaliação

dos alunos e dos professores em Portugal "é excessivamente centrado em exames e notas, em vez de avaliar o desenvolvimento integral do aluno e a sua capacidade de aprender e aplicar conhecimentos em con-

Uma jovem docente revela que leva snacks para a escola, que partilha com os alunos carenciados

Os professores queixam-se do volume de tarefas burocráticas que roubam tempo para o essencial

textos práticos". Na ótica dos docentes, tal contribui para uma visão do ensino mais focada em resultados imediatos e quantificáveis, em vez de promover uma aprendizagem profunda.

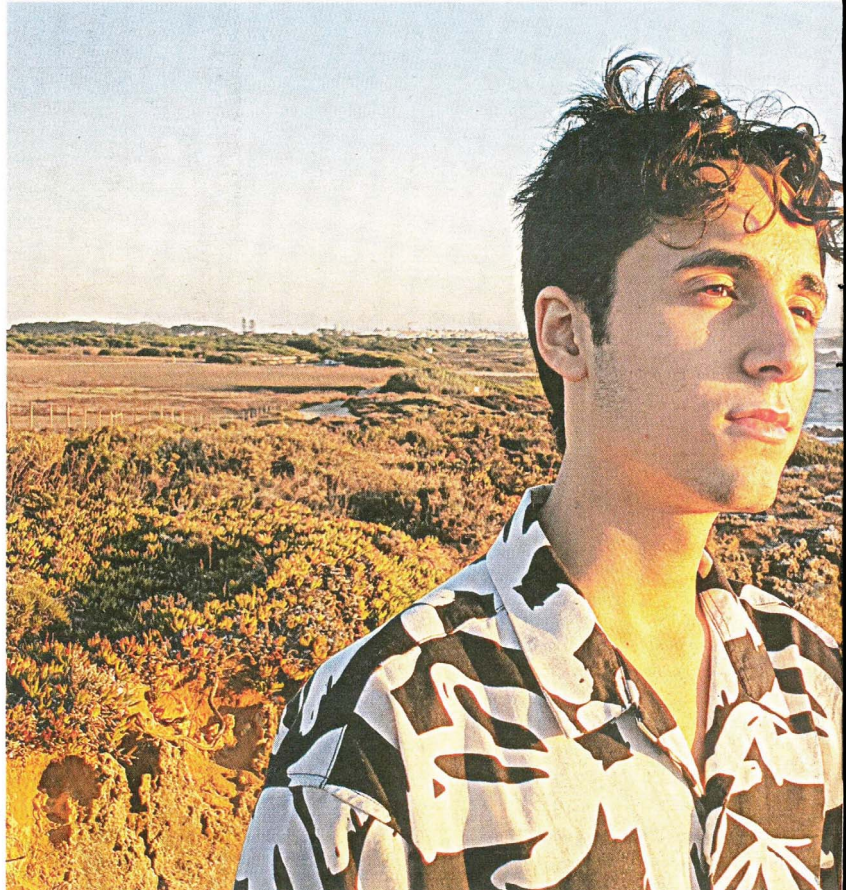
A gestão escolar e a carga administrativa também são apontadas como um problema. Os professores passam tempo considerável com tarefas burocráticas, o que diminui a qualidade do seu tempo dedicado ao ensino. "O volume de tarefas burocráticas, como preenchimento de relatórios, atas de reuniões, registos de avaliação e elaboração de planos de aula detalhados, tem aumentado nos últimos anos", lamenta uma professora que iniciou a carreira há cerca de 12 anos. "Isto acaba por consumir tempo considerável que poderia ser aproveitado para a preparação das aulas e o acompanhamento mais próximo dos alunos", realça a jovem docente, explicando que a burocracia é vista como uma distração que

impede os professores de se concentrarem no que é mais importante: o ensino.

Outro ponto destacado é que a sobrecarga de tarefas administrativas pode ser desmotivante para os docentes. Explicam que, muitas das vezes, em vez de serem reconhecidos pelo seu trabalho pedagógico, estão a ser tratados como técnicos administrativos. Isto, naturalmente, reduz o prazer e a eficácia no exercício da docência. "As exigências burocráticas são pouco claras e mudam com frequência, o que cria confusão e aumenta a carga de trabalho. A falta de uma padronização de processos e a introdução de novas regras sem um período de adaptação adequado também são dificuldades que enfrentamos", partilha, à sua vez, um professor de Educação Física do Ensino Secundário. "A pressão para obter bons resultados em exames nacionais, especialmente no ensino secundário, é complexa. Muitos colegas relatam que o sistema de avaliação, centrado em exames, muitas vezes não reflete as competências e habilidades que os alunos realmente desenvolveram ao longo do ano letivo. E isto leva a que fiquem mais focados em 'passar nos exames' do que realmente aprender", conclui.

A Radar //

Alunos. “Há muita coisa que está mal no método de ensino português”



Todos gostam da escola e acreditam que esta é essencial para a formação do seu caráter e futuro. No entanto, há muita coisa que, segundo Olívia, João, Francisco e Catarina, está mal. Desde a inércia dos métodos de ensino, “bastante teóricos”, à “inutilidade” de algumas disciplinas e falta de aposta noutras.

SARA PORTO
sara.porto@online.pt

Para muitos, a escola constitui uma grande parte da existência. É lá que fazemos os primeiros amigos, que aprendemos as bases para aquilo que seremos no futuro, que temos as primeiras crises existenciais e que nos perdemos e reencontramos inúmeras vezes. Gostando ou não, a verdade é que todos os alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos devem frequentar o regime de escolaridade obrigatória. E, mesmo que haja disciplinas que se goste menos, é importante que se perceba que o conhecimento é uma das únicas riquezas que nunca nos poderão ser retiradas. Mas o que pensam os alunos da escola? Qual a importância que lhe dão e o que mudariam nela?

ESTUDO E AUTONOMIA Olívia Silva tem 15 anos e frequenta o 9.º ano. Adora viajar, já tendo feito algumas viagens internacionais e tirado alguns

curso de verão fora do país. Além disso, é membro de uma Academia de Música e colabora regularmente com o grupo de teatro de Santo André, GATO SA. Quando pensa em escola, a primeira palavra que lhe vem à cabeça é “estudo”: “Porque para mim a escola é principalmente um local de aprendizagem de novas matérias a que de outra forma teríamos mais difícil acesso”, explica ao *i*. “Mesmo as matérias que parecem não ter aplicação na nossa vida, vão servir como treino para adquirir outros conhecimentos”, acredita.

Ainda não sabe que área irá escolher depois dos exames, mas tem preferência pelas humanidades, “pelas disciplinas e essencialmente pela aprendizagem de novas línguas”. E sabe que quer ir para a universidade. “Quero experimentar novas áreas e acabar os meus estudos para depois poder começar uma nova fase e arranjar um emprego que eu goste”, conta.

Na opinião da jovem, as maiores falhas no ensino português prendem-se, sobretudo, com a “falta de aulas

práticas que poderiam ajudar a estimular o entusiasmo por algumas das matérias”. “A falta de intervalos mais longos também interfere com a nossa disposição nas aulas. A indisponibilidade de professores para fazer coadjuvância em algumas discipli-

nas”, revela. Olívia Silva também sente falta de “projetos interdisciplinares em que os alunos tivessem autonomia para desenvolver projetos do seu interesse”. “Daria mais valor aos trabalhos individuais e em grupo e diminuiria o peso dos testes na nota final”, justifica.

A disciplina que menos gosta é Matemática, “por não entender, muitas das vezes, a sua aplicação no dia-a-dia”. “Mas no geral o desinteresse em algumas matérias ou disciplinas deve-se mais ao tipo de professor e da relação que estabelece com os alunos”, aponta.

Olívia Silva sente a falta de aulas práticas que estimulem o entusiasmo dos alunos por algumas matérias

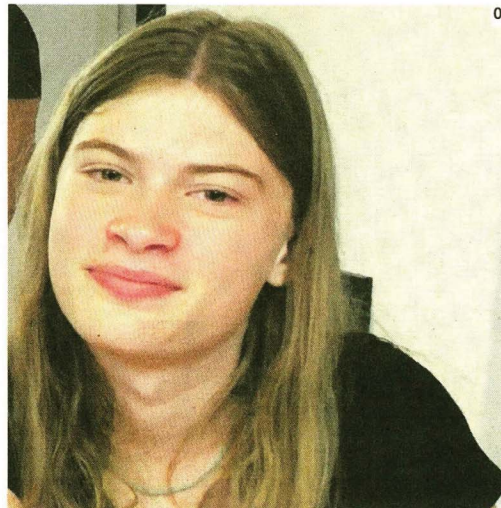
“Muitas vezes a escola transforma-se num espaço centrado unicamente na avaliação”

AValiação vs APRENDIZAGEM João Roque, tem 17 anos, é aluno do 12.º ano, da área de Ciências e Tecnologias e sonha tornar-se um arquiteto. Sempre esteve envolvido em atividades extracurriculares. Aos seis anos, entrou para o teatro e, pouco depois, também para os Escuteiros. “Particpei e experimentei sempre de tudo um pouco, desde desportos, até atividades mais ligadas à cultu-

EDUCAÇÃO



01



02



03

- 01 João Roque tem 17 anos e está no 12.º ano. Sonha ser arquiteto
- 02 Olívia Silva tem 15 anos e frequenta o 9.º ano. Gosta de viajar, de música e teatro
- 03 Francisco Sousa tem 19 anos, está no 12.º ano e, para si, a escola é "um dever"

FOTOS: DR

ra, como a dança, as artes circenses, concursos de leitura e o parlamento dos jovens. No ano passado juntei-me à AMSA (Academia de Música de Santo André), onde toco flauta transversal na Orquestra de Sopros e Percussão. A propósito de intercâmbios, também faço parte do Clube Europeu da escola, com o qual já fui até Bruxelas. Particpei também no projeto Erasmus, ficando durante uma semana acolhido numa família em Alcúdia, Mallorca. Este ano, participei novamente no Erasmus, desta vez em França, em Pont-Audemer", afirma ao i.

A sua relação com a escola foi, por isso, "quase sempre muito positiva". "Penso que foram todas estas atividades e experiências, que me moldaram na pessoa organizada, comunicadora e empenhada que sou", acredita. "Quando me levanto, todos os dias, vou para a escola para aprender. O problema é que, muitas vezes, a escola transforma-se num espaço centrado noutra palavra: avaliação. Sobretudo a ava-

liação formativa, como testes ou exames. Seja por considerarem este método eficaz para promover a aprendizagem, seja por não disporem, ou não quererem dispor de outra forma de aferir as capacidades dos alunos. Considero lamentável que se priorize a avaliação em detrimento da aprendizagem", lamenta.

Na sua opinião, há muita coisa que está mal no método de ensino português. "Embora tenha havido alguma evolução, o modo como se ensina e avalia mantém-se inalterado. Grande parte do que aprendemos não é essencial para a nossa vida futura, e muitos conhecimentos verdadeiramente úteis não são ensinados na escola", acrescenta. "Claro que é importante que qualquer indivíduo tenha um conhecimento geral das diversas áreas do saber. Contudo, os programas escolares, tal como estão estruturados, priorizam um conhecimento muito específico e teórico, em detrimento de algo mais prático e útil. Por exemplo, faria muito mais sentido aprendermos sobre culi-

nária ou bricolage, em vez de decorar os cognomes dos reis da primeira dinastia. Mesmo nas disciplinas atuais, uma abordagem prática seria muito mais interessante e proveitosa para os alunos do que aulas passadas a ler ou a copiar textos para o

"Faria muito mais sentido aprendermos sobre culinária ou bricolage do que os cognomes dos reis"

"De momento, a escola é o meu trabalho, como tal é minha obrigação fazer o meu melhor"

caderno", explica João Roque.

Para si, outra grande falha do sistema é a avaliação, já que "a maior parte da nota de um aluno baseia-se num único momento de avaliação teórica, como um teste ou exame". "Todos os alunos têm capacidades diferentes: alguns têm excelente memória e raciocínio lógico, mas outros destacam-se pela criatividade na resolução de problemas ou pela facilidade de comunicação. Infelizmente, o ensino atual valoriza apenas o primeiro grupo. E mesmo entre os alunos com boa memória e raciocínio, basta que tenham um dia menos bom para o teste correr mal. Faz sentido que a sua nota seja comprometida por causa disso?", interroga o aluno do 12.º ano.

Os exames são outra questão "frustrante". No entanto, o jovem reconhece que estes funcionam como "um mecanismo de equilíbrio entre o ensino público e privado, o que é extremamente importante". "Muitas vezes, as notas dos colégios são inflacionadas, mas o oposto também

se verifica nas escolas públicas. Vários professores, esperam tanto dos alunos que se regem por padrões extremamente exigentes, deflacionando também as notas. É necessário encontrar-se uma alternativa aos exames que continue a garantir esta igualdade. Qual seria essa alternativa? Não sei, mas acredito que o tema deveria ser discutido entre o Ministério da Educação, professores e alunos, para se encontrar uma solução viável que atendesse aos interesses e preocupações de todas as partes envolvidas", sublinha.

PREPARAR-NOS PARA O MUNDO Para Francisco Sousa, escola é sinónimo de "dever". "De momento, a escola é o meu trabalho, como tal é minha obrigação fazer o meu melhor para alcançar os meus objetivos académicos", explica. Tem 19 anos e frequenta o 12.º ano do Curso de Ciências e Tecnologias. Gosta de música, ler, escrever, de jogos de tabuleiro e vídeo-

continua na página seguinte >>

A Radar //

>> continuação da página anterior

jogos. "Também gosto de participar em projetos escolares, nomeadamente o Projeto Erasmus +, no qual já participei no ano letivo de 2023/2024 e que irei participar novamente neste ano", revela. O jovem já está certo daquilo que pretende seguir: engenharia química, pois gosta muito de química e matemática.

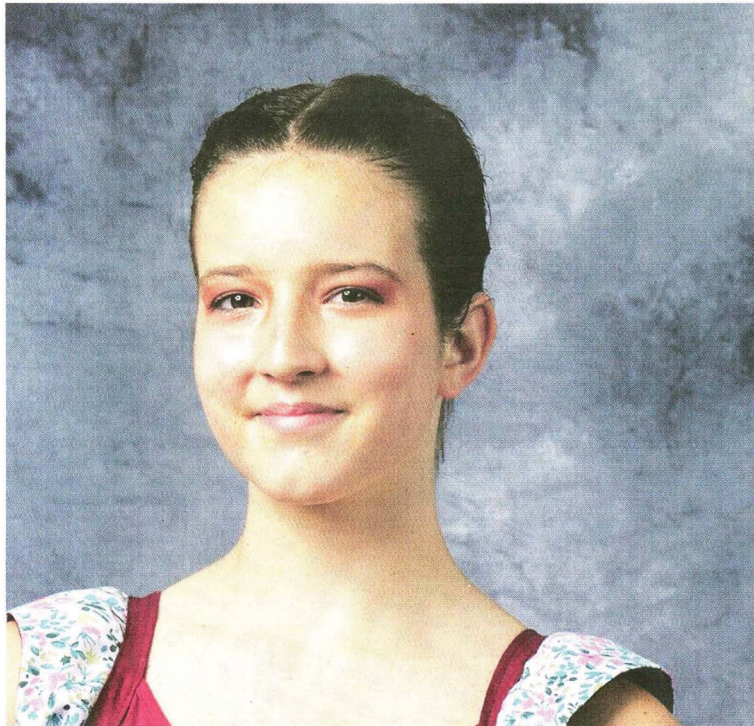
No seu entender, o maior problema no ensino português é "a falta de certas disciplinas no currículo escolar": "Nomeadamente disciplinas como Literacia financeira, Habilidades de Comunicação/Trabalho em Equipa em Ambiente Profissional e Educação Sexual", enumera. "Apesar destes temas poderem ser ensinados em ambiente familiar – e de algumas escolas ensinarem o básico através de outras disciplinas, como o caso de Cidadania –, considero que aprofundar estas questões na escola é benéfico para os jovens portugueses, que na sua maioria não têm esse apoio no âmbito familiar", alerta.

A disciplina que menos aprecia é Educação Física. No entanto, Francisco Sousa acredita que "tudo o que aprendemos tem utilidade". "Mesmo que no presente não pareça, eventualmente tudo o que aprendemos será posto à prova um dia e o 'saber nunca ocupa lugar'", lembra.

ADAPTAR O ENSINO A CADA UM Catarina Gomes tem 14 anos e, tal como Olívia, está atualmente no 9.º ano. Uma das suas maiores paixões é a dança. "Danço desde os três anos e sempre houve qualquer coisa que me chamou. Tanto o *ballet* como a dança contemporânea fazem-me sentir bem. Os livros também acabam sempre por me salvar, levando-me para outras realidades", afirma a jovem.

Quando pensa em escola, pensa em "conhecimento": "Todos os dias é-nos transmitido conhecimento vindo tanto dos professores como dos funcionários da escola. Não nos são apenas transmitidos os conhecimentos essenciais das disciplinas mas também outro tipo de coisas que nos vão ser necessários na vida", defende. E é lá que dá o seu melhor todos os dias. "Tanto nas notas como na pessoa que sou", frisa.

A área que quer seguir ainda é uma "incógnita" para si. "Se estivesse numa cidade perto dos grandes centros provavelmente iria para dança, mas como essa não é a minha realidade, provavelmente vou para Ciências, Geometria Descritiva, tudo menos Geologia", garante. No entanto, imagina-se no futuro como bailarina profissional numa companhia de dança contemporânea, a dançar todos os dias. "Também me imagino a escrever histórias de fantasia e de romance, a escrever sobre



Catarina Gomes tem 14 anos e quer ser dançarina profissional e escritora

CARLOS VALENTIM

os meus sentimentos. Eu acho que me imagino a viver dentro do mundo da arte, a expressar os meus sentimentos e pensamentos", reflete Catarina Gomes.

Apesar de adorar a escola e isso se refletir nas suas notas, a aluna no 9.º ano acredita que a escola não prepara os alunos a 100% para o mundo. "Não nos ensinarem a cozinhar (já que nem todos o aprendem em casa), a pagar os impostos e como funcionam. Acho que é uma grande falha no ensino porque a partir do Secundário coisas como essas deveriam ser ensinadas", acredita. Além disso, "não colocaria todos os alunos a ter o mesmo tipo de ensino". "Não somos todos iguais e isso não é um problema, pelo contrário. Mas por essa mesma razão não aprendemos todos de maneira igual. Uns estão bem adaptados para este tipo de ensino. No entanto, os outros, se calhar, tiravam melhores notas se aprendessem as coisas de maneira prática com exemplos do dia-a-dia, principalmente na Matemática" justifica.

Catarina Gomes, não é "grande fã" das disciplinas Cidadania e Desenvolvimento e TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação). "Por um lado são importantes para nos preparar para a vida lá fora, mas depois de uns anos a ouvir sempre

as mesmas coisas começa a ser cansativo", lamenta.

ENSINO CADA VEZ MAIS TECNOLÓGICO No que toca à utilização de tecnologias e à transformação dos meios de estudo... João Roque considera-se um utilizador intensivo de tecnologia no contexto escolar. Em qualquer trabalho ou atividade, recorre "às mais diversas ferramentas tecnológicas e digitais". "É uma enorme mais-valia para o meu método

de trabalho. Dito isto, acredito que a inclusão do digital no ensino faz cada vez mais sentido", admite

Porém, continua o jovem de 17 anos, há aspetos que considera que devem ficar fora dessa evolução. "Antes de mais, a maior parte dos professores não tem prática no uso das 'novas tecnologias' e muitos alunos também não sabem, pelo menos corretamente, como recorrer às diversas ferramentas digitais", começa por explicar. "Um exemplo disto é o simples ato de fazer uma pesquisa na internet e saber filtrar ou selecionar os resultados. Isto constitui uma falha grave no ensino, já que se espera que os alunos realizem grandes trabalhos utilizando tecnologia, mas não se ensina como utilizá-la", revela. A disciplina de T.I.C., nesse sentido, "falha em larga escala". "Quando a tive no 2.º e 3.º ciclos, o que fiz foram pequenos trabalhos com ferramentas como PowerPoint ou Padlet, muitas vezes sobre temas de outras disciplinas", lembra.

Quanto aos manuais digitais, João Roque nunca os utilizou e é contra a sua adoção. "Por mais apelativo que possa parecer ter um recurso interativo de aprendizagem, considero que não são funcionais. Em primeiro lugar, trazem consigo um enorme problema: dependem de eletricidade e de ligação à internet para

funcionarem. Além disso, o seu uso apresenta enormes distrações para os alunos que, com um simples clique, podem desviar-se completamente da aula. Por fim – e isto para mim é que não faz qualquer sentido – discute-se o alheamento das novas gerações em relação aos livros e à informação física, mas promove-se um recurso que representa exatamente o oposto", denuncia.

Para si, os computadores individuais devem, sim, ser utilizados nas aulas, mas para trabalhos específicos e pontuais, e não como um dos principais meios de ensino. "Caso contrário, corremos o risco de comprometer a aprendizagem de um aluno só porque está trovoada e a internet ficou lenta", sublinha.

A BELEZA DOS MANUAIS FÍSICOS Para Catarina Gomes também era melhor "quando os manuais eram físicos": "Acabamos por nos distrair com o computador. Pessoalmente gosto mais de ter papel para tocar e para poder fazer apontamentos e sublinhar. Sei que o suposto é carregar menos peso na mochila, mas o meu computador consegue ser bastante pesado", conta.

Contrariamente, Olívia Silva e Francisco Sousa preferem o ensino com os manuais digitais. "Acho que melhorou a qualidade das aulas facilitando as pesquisas e também diminuiu o peso das mochilas. Pessoalmente sinto que desenvolvi novos métodos de estudo e consigo me organizar melhor tornando o estudo mais produtivo", garante a aluna de 15 anos. Além disso, gosta da autonomia que os computadores permitem ter, "facilitando o estudo em qualquer hora e local". Para si, a qualidade das aulas também melhorou.

Já para Francisco esta também facilita a comunicação entre colegas e professores. "O que gosto mais na escola é o facto de estar entre colegas que considero como amigos/amigas. Frequentar uma escola na companhia das pessoas que gostamos dá-nos a possibilidade de encarar as aulas e testes de uma forma mais positiva. Com isto quero dizer que socializar e constituir amizades é benéfico tanto para a nossa autoestima como também para o nosso ensino, pois não sentimos que temos de 'passar' por isto sem apoio", acrescenta o jovem.

"Gostava de imaginar a escola daqui a uns anos como um espaço de edificação de indivíduos, onde fosse possível não apenas aprender teoria, mas também crescer a nível social, comunicativo, afetivo e de caráter. Um espaço onde não aprendêssemos as respostas, mas antes como chegar até elas. Um espaço onde pudéssemos aprender, com prazer", remata João Roque.

"Não colocaria todos os alunos a ter o mesmo tipo de ensino. Não somos todos iguais"

Olívia defende que os manuais digitais a ajudaram nos métodos de estudo e na organização

EDUCAÇÃO



Muitos alunos chegam ao 2.º Ciclo sem saber ler com fluência mas aprendem gramática que nem aos pais ensinaram

DREAMSTIME

Português é a disciplina em que a família faz mesmo toda a diferença

Ensina-se gramática mais complexa que não se reflete na capacidade leitora dos alunos. Os alunos portugueses leem pouco ou nada, o português do Brasil está a entrar devagarinho e as redes sociais roubam tempo de leitura e escrita. O Português é um problema com várias frentes.

INÊS TEOTÓNIO PEREIRA
ines.pereira@online.pt

Apesar de a disciplina de Português ser aquela que tem mais horas, que os alunos estudam mais anos e a única que tem direito a dois exames obrigatórios ao longo dos 12 anos de escolaridade obrigatória, parece que os nossos alunos escrevem com cada vez mais erros, não leem livros e falam um novo tipo de português, qualquer coisa entre o português de Portugal e o português do Brasil. Os resultados do PIRLS 2021, o estudo internacional de avaliação da literacia de leitura dizem que os alunos portugueses do 4.º ano leem pior do que em 2016 e do que em 2011. A tendência negativa confirmou-se no famoso PISA de 2022. Os quase 7 mil alunos portugueses de 15 anos que realizaram as provas de leitura e interpretação de textos obtiveram piores resultados do que os seus colegas em 2018, penas 5% conseguiram

compreender textos longos, entender conceitos abstratos e distinguir um facto de uma opinião. Estes resultados só são compráveis aos níveis de desempenho dos nossos alunos avaliados em 2007.

Apesar desta tendência, a verdade é que hoje 50% dos jovens entram na universidade, os restantes estão a acabar o 12.º ano, e são mais do que a média dos países da OCDE. Há 50 anos era apenas 3%. O mesmo no abandono escolar, que é de cerca de 5% e em 2010 era de 40%. No entanto, o Português é caso complicado. É pedido a todos os alunos que leiam Gil Vicente, que conheçam heterónimos de Fernando Pessoa, que saibam as obras de Eça de Queiroz, de Padre António Vieira ou que consigam interpretar Luís de Camões. Mas cada vez mais essas obras, a literatura, está longe do seu mundo dominado pelo TikTok, pelas mensagens feitas de siglas e pelas leituras rápidas dos ecrãs. “No primeiro ciclo, os

alunos vão progredindo apesar da fraca capacidade leitora e grande parte deles chegam ao 2.º Ciclo apenas com leitura silábica”, relata a professora Assunção Silva, de Ensino Especial, que há mais de 30 anos acompanha alunos com dificuldades dentro e fora das escolas. No Português aquilo que é o mais importante de bom desempenho são as famílias. O nível de escolaridade dos pais, o número de livros que os alunos têm à sua disposição em casa, terem ou não pais que leem e a valorização que é dada à escola pela família. O estudo Práticas de Leitura dos Estudantes dos Ensinos Básico e Secundário, elaborado pelo Plano Nacional de Leitura CIES-Iscte, revelou que mais de metade dos alunos, 57%, é oriunda de famílias com uma relação fraca com a leitura e praticamente um terço dos alunos do Secundário nunca ou raramente vê familiares a ler. Outra conclusão diz que “os alunos com mais livros em

casa são aqueles que mais frequentam as bibliotecas escolares”.

GRAMÁTICA E LEITURA A forma como se passa o conhecimento, o tipo de conhecimento, os tipos de textos muito fechados, que precisam de ser lidos mais do que um vez para os professores perceberem. Rui Santos, professor de Português, no Porto, que leciona há mais de 20 anos em várias escolas, garante que é um mundo aquilo que separa a realidade ensinada na escola da vida real dos alunos. “É preciso muito imaginação, criatividade e técnica para se conseguir que eles se interessem pelo Português. Porque só motivados conseguem aprenderem e apreciar a língua, os autores e as obras e ganharem o gosto pela leitura e escrita”. O Plano Nacional de Leitura continua a recomendar os meus livros de sempre. Os clássicos, os autores que há dezenas de anos ajudam os alunos a perceber o mundo e a darem alas

à sua imaginação. O desfasamento está na matéria prima que se encontra na sala de aula. “O que se nota é que há uma fuga clara à leitura porque a vida dos miúdos é cada vez mais distante da leitura. Eles passam em média 4 horas nas redes sociais e a leitura implica tempo, paciência e outra postura que eles não têm”, garante a professora Assunção.

No entanto, ao nível da gramática, há coisas muito mais específicas que não se dava antigamente. Apesar de a gramática mais complexa, não está a ajudar a capacidade ou o gosto pela leitura e escrita dos alunos. “Esta complexidade apenas serve para distinguir um aluno que consegue ir mais além no Português de um aluno médio, porque regra geral eles não percebem o complemento do adjetivo, o complemento do nome, o predicativo do complemento direto ou indireto, verbos copulativos, transitivo direto e indireto, etc. São coisas tão específicas”. E não ajuda. Os professores são da opinião que regra geral os alunos não estão motivados para a leitura e para a escrita. Apenas aqueles que chegam ao 2.º Ciclo com boas bases e quando, nas famílias, há esse treino, se conversam, se partilham interesses, só assim se consegue motivar os alunos. “Tudo isso é determinante”, garante a professora Assunção.

Além da falta de disponibilidade para os livros, as redes sociais que roubam o pouco tempo livre e que ocupam cerca de quatro horas em média dos alunos por dia, o português do Brasil é outra das variáveis que está a baralhar as contas e a condicionar as aprendizagens. “Está a entrar de uma forma muito discreta mas está a entrar. Há muitos miúdos que falam português do Brasil e não são brasileiros”, conta. Os pronomes antes do verbo, o gerúndio, na pormenorização, ‘eu dou a ela’, por exemplo, e até no vocabulário, na semântica, como nazistas em vez de nazis, são o dia-a-dia nas escolas”, garante.

O problema mais grave é que o domínio do Português é meio caminho andado para o bom desempenho nas outras disciplinas e é fundamental para se conseguir interpretar os problemas de Matemática, perceber História ou estudar Ciência. Dificuldades a Português é a causa de falta de aproveitamento em muitas outras disciplinas, garantem os professores. Como quebrar o ciclo? São muitas bolas no ar e muitas variáveis a ter em conta. No entanto, “não se pode baixar as fasquias. O problema não está nos conteúdos de leitura nem da complexidade da Gramática – que até podia ser agilizada –, mas sim na na forma como se ensina. É preciso muita criatividade e técnica”, afirma a professora de Ensino Especial.

A Radar //

O que se ensina e o que se aprende na Matemática?



Não se aprende contas de dividir com muitos números nem se obriga os alunos a decorar a tabuada. Mas os objetivos na Matemática são os mesmos de sempre. O raciocínio é o mais importante.

INÊS TEOTÓNIO PEREIRA
ines.pereira@ionline.pt

A conversa começa sempre pelo comparar de gerações: no meu tempo decorávamos a tabuada, fazíamos contas de cabeça e sabíamos mais na quarta classe do que hoje os miúdos aprendem no 8º ano. A prova dos nove, a regra três simples e outros clássicos ficaram gravados na cabeça de quem tem hoje mais de 50 anos e não esquece a sofrida escola primária lecionada antes e depois da revolução, em que o programa se manteve inalterado durante algum tempo por obra e graça do ministro Veiga Simão. O exame da 4ª Classe, universal e obrigatório para todos, era o momento alto da vida das crianças, que tinham de decorar, memorizar e resolver contas de dividir com dividendos e divisores de milhões e restos que teimavam em não dar zero. Por outro lado, e o paradoxo é este, são hoje poucos os pais que conseguem acompanhar os filhos nas suas tarefas escolares. Quantos não vão às soluções dos manuais antes de os ajudarem a resolver um exercício sobre ângulos ou conversões ou estudam às escondidas antes de ensinar para aprenderem o que têm de ajudar os filhos nos trabalhos de casa?

Em Matemática, o currículo começa a com-

plicar-se no segundo ciclo, onde se dão os primeiros cheirinhos das funções, onde entram as incógnitas, as raízes quadradas, o volume com os famosos cálculos sobre quanto tempo demora a encher uma banheira que tenha determinada dimensão. É aqui que a vida escolar começa a separar os pais dos filhos, os alunos da Matemática e a Matemática do comum dos mortais.

O QUE SE PASSA COM A MATEMÁTICA? Os resultados das avaliações internacionais mostram que os alunos portugueses estão mal a Matemática e não é um mal europeu. É mesmo nacional. Os nossos alunos que desde 1995 até 2015 evoluíram a um ritmo constante e chegaram a ultrapassar vacas sagradas nos rankings das competências em Educação como a Finlândia, começaram a regredir há nove anos, pioraram com a pandemia e a melhora é uma promessa que irá demorar a cumprir mas que não apanhará uma geração já avessa aos números e ao cálculo.

O sucesso dos alunos portugueses começou em 2000 e não parou de crescer. Foi a partir de então que se começou a dar maior importância à avaliação estabelecendo-se as provas de aferição nos finais dos ciclos do Ensino Básico

que seriam substituídas por Nuno Crato por exames com consequência para a nota final. Mais tarde, em 2010, foram elaboradas as primeiras Metas de Aprendizagem, no Governo de Sócrates. Uma definição "precisa e escalonada as metas de aprendizagem para cada ciclo, o seu desenvolvimento e progressão por ano de escolaridade, para cada área de conteúdo, disciplina e área disciplinar", disse a

Entre 1995 e 2015 os nossos alunos evoluíram de forma constante e ultrapassaram vacas sagradas nos rankings como a Finlândia

"A Matemática não é mais difícil por ter programas e currículos mais exigentes", defende Isabel Hormigo

ministra Alcáda Batista na altura. Estas metas foram revistas em 2012. Professores, especialista em Educação e investigadores reorganizaram os programas e estabeleceram-se metas para cada ano. A metodologia de ensino, essa, caberia a cada professor definir. Em 2015, o Governo socialista apoiado pelo PCP e BE iniciou uma rutura com o passado e aprovou a iniciativa do BE que acabava com os exames. Professores, alunos e pais descomprimiram. Os programas era extensos e as metas difíceis de atingir, queixavam-se. As novas indicações foram surgindo a conta-gotas: foi transmitido às escolas que os programas em vigor não eram para ser seguidos à risca, reduziu-se os conteúdos programáticos em 25%, e estabeleceram-se as famosas Aprendizagens Essenciais elaboradas por associações profissionais. As famosas Aprendizagens Essenciais aparecem como um referencial para o ensino e para a avaliação onde estão definidos os conhecimentos e as capacidades que os alunos devem desenvolver no final de cada ciclo. Aprendizagens Essenciais, Programas e Metas Curriculares, Perfil do Aluno e Orientações Curriculares da Direção Geral de Educação, era com estes documentos que os professores deviam trabalhar, desenvolver o seu próprio currículo. Foi-lhes

EDUCAÇÃO



A massificação do ensino fez com que diminuisse o grau de exigência da Matemática. Os conteúdos são os mesmos, o que mudou foi a forma de ensinar

DREAMSTIME

dada "autonomia curricular, com possibilidade de partilha de horário entre diferentes disciplinas", assim como a possibilidade "integração de projetos desenvolvidos na escola em blocos que se inscrevem no horário semanal, de forma rotativa ou outra adequada", e os currículos passaram a ser lecionados em função das necessidades da turma e dos ritmos de aprendizagem. Os resultados apareceram em 2018, 2019, 2022 e outra vez em 2023, nos relatórios internacionais onde os alunos portugueses aparecem pela primeira vez em queda, a descer nos lugares nos rankings, nas pontuações e a serem ultrapassados por outros países. Na Matemática a queda deu-se e mantém-se em todos os domínios: Geometria, Números, Álgebra e Dados.

É A FORMA OU O CONTEÚDO? Chegados aqui, temos uma certeza e várias questões: os alunos que têm hoje menos de 13 ou 14 anos são os que menos sabem Matemática em comparação com os seus colegas mais velhos. Quanto a perguntas: o problema está no conteúdo do que se ensina ou na forma como se ensina? Será que os irmãos mais velhos destes alunos sabem mais que os seus pais? O que aprendem os nossos alunos?

"Não é mais complicado por ser exigente", diz Isabel Hormigo, da Sociedade Portuguesa de Matemática. "Quando se tem um currículo mais exigente, ou seja, um currículo com objetivos bem claros, bem estruturado, com uma sequência correta, pode parecer mais exigente mas não é. Para os professores fica tudo mais claro". Quanto aos conteúdos, hoje em dia ensina-se o mesmo que dantes, no tempo

Antigamente, no tempo das reguadas, era tudo pela memorização. Hoje dá-se mais importância ao raciocínio

Um miúdo do ensino básico talvez não saiba fazer contas de dividir muito longas mas tem melhor raciocínio que uma pessoa com mais 30 anos

da reguadas, "só que a compreensão dos miúdos é muito maior neste momento", garante esta professora de Matemática. Os pais tiveram um programa mais mecanizado, aos filhos dá-se um programa mais explicado. As perguntas andavam sempre à volta do mesmo, hoje dá-se muita importância ao conteúdo, aos conhecimentos que estão interligados e depois passa-se para a parte das aplicações. "Também não se dava tanta importância ao raciocínio", explica. E quanto à memorização, pode não parecer, mas ainda é considerada fundamental. "Se os alunos não estiverem treinados na tabuada, no algoritmo, não podem estar sempre a parar o raciocínio para ver quanto é que é 6x7. Há aqui um misto: antigamente talvez fosse tudo pela memorização, atualmente há alguma memorização, mas sabe-se que à medida que o tempo vai passando e que os miúdos vão crescendo é necessário ir desenvolvendo a parte cognitiva nas várias vertentes".

Na mesma senda vai a professora Paula, que ensinou Matemática durante mais de 40 anos em todos os níveis de ensino. A primeira coisa a ter em conta, segundo esta professora, é a massificação do ensino: "Não pode ser tão exigente como antigamente. Os meus netos no 7º e 8º fazem cálculos que dantes se faziam na

quarta classe". Aquilo que é mais valorizado é que "os miúdos raciocinem, é mais importante do que decorar. A exigência até pode parecer menor em termos de conteúdo mas em termos de resolução de problemas e raciocínio, é muito mais exigente. Estarem aptos a resolver qualquer situação sem terem já resolvido um caso igualzinho há uns tempos atrás".

Quanto às contas de dividir intermináveis, Isabel Hormigo diz que foi contra quando se deixou de exigir esta competência aos alunos em 1987. "Era uma das formas eficazes de treinar a concentração", garante. Já a professora Paula defende que "nos dias de hoje não é importante os miúdos fazerem essa contas todas, com as tecnologias é mais importante desenvolver o raciocínio dos miúdos de formas mais desafiantes. É como saber os rios e os afluentes, hoje em dia está obsoleto: carregamos num botão e temos a informação toda". Na sua opinião, "um miúdo no ensino básico talvez tenha menos contas de dividir, mas sabe raciocinar mais do que uma pessoa há 20 ou 30 anos. Essa é a grande diferença". O importante, sublinha, "é dar tempo para que as políticas educativas mostrem os seus resultados e não ande a mudar cada vez que mudam os governos".

A Radar //

Escola no Estado Novo. Recordações de quem por lá passou

Ouvimos falar em reguadas, professores rígidos, exigentes. Ler e escrever sem erros era obrigatório e a matéria era para ser sabida de cor. Sem erros. Mas não foi assim em todo o país nem em todas as escolas. E se há quem não tenha saudades dos seus tempos de escola no Estado Novo, há quem tenha tido sorte e recorde com carinho.

DANIELA SOARES FERREIRA
daniela.ferreira@jonline.pt

Carteiras alinhadas, de madeira e muitas vezes aparafusadas ao chão. Desconfortáveis. As salas eram frias. Nas paredes existiam retratos de Oliveira Salazar e de Óscar Carmona, depois de Oliveira Salazar e de Américo Tomás. Mais tarde de Marcello Caetano e Américo Tomás. No meio, um crucifixo. Cantava-se o hino e rezava-se. Assim eram muitas das salas de aula no país na altura do Estado Novo. Quem viveu não tem as melhores memórias. Bem, nem todos. Mas já lá vamos.

As matérias dadas na altura eram muito diferentes do que se aprende nas escolas hoje em dia. Para Salazar apenas havia uma visão e era isso que era ensinado nas escolas. Os livros, todos iguais, foram os mesmos durante décadas e a regra era clara: era preciso saber toda a lição de cor. Não havia margem para erros. Estudava-se o Português, Matemática, História, Ciências, Geografia e Religião e Moral. Era obrigatório saber a tabuada, os nomes de todos os rios, das serras e até dos caminhos-de-ferro. Os manuais eram únicos, iguais para todos e espelhavam os valores tradicionais e ideológicos do Estado português.

Maria tem atualmente 82 anos, mora na Amadora e fez o ensino até à quarta classe numa aldeia na zona de Almeida, na Guarda. E não tem as melhores recordações, ainda que já tenham passado todos estes anos.

"Estudávamos a Gramática, o Português, a História, a História de Por-

tugal. Tínhamos que saber de cor as dinastias, por exemplo", começa por detalhar ao *i*. A memória vai falhando mas há coisas das quais ainda se lembra. "Isto era mais na quarta classe. Nos primeiros anos era diferente". Mais fácil, talvez.

Já a imagem da sala não lhe sai da cabeça. "Tínhamos uma cruz na escola e rezávamos logo que chegávamos. Tínhamos um quadro do Salazar e a frase 'Deus, Pátria e Família'". E assim foi sempre durante esses anos em que estudou, nos anos 50.

A LEI DA RÉGUA Quem não esquece é a professora que, diz ao *i*, "era muito mazinha". "Sofri muito com ela. Era muito nervosa, lá seria por problemas que tinha". E, claro, como era comum na época, batia nos alunos. "Dava-nos com cada reguada... Mandou fazer uma régua própria. E não podíamos dar erros. Só saíamos da escola sem dar erro nenhum". Algo que diz que nos dias de hoje não acontece. "Agora é diferente. Agora muitas pessoas dão muitos erros. Mas nós não podíamos sair da escola sem saber, a professora era exigente. Até com o filho dela. Chamava-o ao quadro, tinha um filho da minha idade. Batia tanto no filho por trás com uma régua...".

Terminado a quarta classe, era obrigatório fazer um exame. "Tínhamos que fazer um exame na quarta classe. No fim da quarta classe era a admissão ao liceu".

Mas nem todos seguiam, recorda. "Da minha idade só eu é que segui e mais o filho da professora". Seguiu porque o pai e a tia queriam que fos-

se estudar para a Guarda e foi lá que fez o exame de admissão. Mas não eram muitos os que seguiam depois da quarta classe. Era preciso ajudar os pais e existiam outras obrigações.

Mas Maria não acabou os estudos lá. Começou o quinto ano e não o acabou, vindo depois terminá-lo aos "25 ou 26 anos", quando se mudou para a Amadora. Mais ou menos perto do período em que Salazar é obrigado a abandonar o poder.

Augusta estudou longe de Almeida mas nem por isso as suas recordações são diferentes das de Maria. Parece que era tudo mais ou menos igual. Salazar assim o exigia, na verdade. Conta ao *i* que estudou em Alenquer numa sala só de raparigas. E nem no recreio se podiam cruzar, uma vez que era dividido por uma parede. Do outro lado, no mesmo regime, estavam os rapazes.

Nessa altura não iam muitas pessoas à escola e, por isso, da primeira à quarta classe era a mesma sala e a mesma professora para todos. "Nem todos pretendiam ou gostavam de ir para a escola e aí os pais tinham sempre uma palavra a dizer e havia quem preferisse pôr os filhos a trabalhar do que irem aprender a ler e escrever", confessa ao *nos*so jornal.

Mais uma vez, a educação era rígida e errar não era permitido. Quem errasse, já sabia que ia ao castigo: as tão temidas reguadas. Faziam testes e também havia o exame de admissão no final da quarta classe. "A professora era muito rígida e todos tinham medo de errar mas se calhar por isso aprendíamos tão facilmente os rios



e afluentes ou as estações de comboios. Como era uma aluna aplicada nunca fui alvo de qualquer tipo de castigo", recorda.

PROFESSORAS 'ESCOLHIDAS A DEDO'

Ainda que com algumas diferenças do que foi contado até então neste texto, o sociólogo Mário Bacelar Begoña conta-nos também a sua experiência. Aos quatro anos, no período de 1940/41, ingressou no Colégio Valsassina, em Lisboa, na Avenida António Augusto Aguiar, em frente à Rua Ramalho Ortigão, no Bairro Azul, onde moravam os seus pais. "Era uma escola privada, dirigida por uma família, a família Valsassina, o Doutor Valsassina avô e a Sra. Dona Susana avó dos restantes membros da direcção, todos familiares", começa por explicar, lembrando que, por essa altura, havia três gerações, em simultâneo, a trabalharem no Colégio Valsassina. Mas tem boas recordações.

"Sofri muito com a minha professora [...] dava-nos com cada reguada... Mandou fazer uma régua própria"

"Tínhamos uma cruz na escola e rezávamos logo que chegávamos. E havia um quadro do Salazar"



A educação na altura de Salazar – e até depois – não era como nos dias de hoje. Era mais exigente e quase ninguém tem saudades

DR

namento e “partes gagas” como o obrigatório *blackout*, ou seja, desligar as luzes e cobrir as janelas à noite”, conta-nos.

Anos depois, quando estudou História, percebeu “que tínhamos sido enganados porque o Hitler, o Salazar e o Franco tinham feito um acordo, cujo nome era “Neutralidade Colaborante” em que, por esse acordo, a metrópole Portuguesa nunca poderia ser bombardeada, só os Açores, o que levou as pessoas cultas dos Açores a nunca perder Salazar, tendo alguns residentes dos Açores comprado casa em Lisboa”.

Mário Bacelar Begonha diz que “sofremos algumas restrições, como é lógico, em tempo de Guerra, mas o ambiente pedagógico no Colégio Valsassina era de tal ordem que, quando estávamos na Escola, nem nos lembrávamos que havia Guerra, ou seja, era um Paraíso. Não havia proibições nenhuma, porque o nosso comportamento tinha de ser igual ao de casa, e era, com alguns excessos no recreio”. Recordar-se ainda de um pátio “enorme todo em calçada, era onde fazíamos corridas entre nós, alguns jogavam com uma bola, e situava-se exactamente por cima do nosso ginásio, que era extraordinário para nós porque, depois de estarmos horas e horas sentados, era aliciante”. De recordar, acrescenta, “as aulas de Canto Coral dadas por um maestro, que tocava órgão e aprendíamos e cantávamos o Hino Nacional. Ele explicava que isso era eterno e que, explicava aos meninos, era a música mais importante que tínhamos de saber de cor. Havia Teatro, Actividades Manuais (Plasticina, etc...)”.

“Era um ambiente familiar, de tal modo simpático, agradável, confortável que nós, alunos, chamávamos avó à Directora e avó ao Director e éramos tratados como netos”. No fundo, recorda, a principal preocupação do colégio onde estudou era que os alunos se sentissem bem, “tão bem como se estivéssemos em casa”.

Diferente do que acontecia em muitos locais naquela altura, o sociólogo lembra que, naquele colégio, “os alunos vinham de um meio seleccionado, em que os pais, por norma, eram todos licenciados, o que facilitava o convívio e a disciplina, que era exactamente à da nossa casa, da casa dos nossos pais, o que facilitava a adaptação”, acrescentando que “era o tempo em que havia uma destreza muito grande, a professora não era como tempos depois, que passou a dar todas as disciplinas – até Ginástica! – mas ali não”.

Ali, recorda Mário Bacelar Bego-

nha, “a pedagogia era ultra-moderna, os castigos e as punições eram altamente pedagógicos, simplesmente com um grande rigor nos princípios e na formação moral”. Lembra que a disciplina que mais gostavam era a ginástica “dada por um nome famoso da Educação Física em Portugal, o Professor Artur dos Santos”.

É com saudade e honra que recorda ter sido nomeado Chefe de Turma, “por ser o melhor ginasta da classe”. “Era eu, que no início da aula, mandava formar e pedíamos, depois, licença ao Professor Artur dos Santos para ele começar a aula”.

Depois fala ao í das professoras primárias do Ensino Particular – no oficial nunca conheceu – que “eram escolhidas, como é evidente, pela Direcção Pedagógica do Colégio e, portando, a ideia que tenho hoje, é que eram ‘escolhidas a dedo’, com disciplina, com uma certa rigidez, quando era preciso, mas como ouvia-

“A professora era muito rígida e tínhamos muito medo de errar. Se calhar por isso aprendíamos facilmente”

“Os castigos e as punições eram altamente pedagógicos, simplesmente com um grande rigor”

mos dizer naquele tempo que era usual em certas escolas, ‘reguadas’”. Mas onde estudou, “nada disso, não havia!” Porque, ali, “a base era a Educação e o respeito pela Professora e pela Escola e pelos princípios que a Escola ensinava”. O grande princípio, recorda, era este: “a Professora representa, ali, os nossos pais. Podemos dizer que havia uma espécie de cartilha com regras, que todos cumpriam. Todos cumpriam rigorosamente tudo porque podíamos ser ‘convidados’ a sair, se nos portássemos mal ou fora dos princípios da Escola”.

Quanto às matérias aprendidas, diz que era as do Programa de Ensino Oficial que não se recorda já. “Estávamos em plena Segunda Guerra Mundial – o ambiente que se vivia em Portugal, logicamente, era afectado pela Segunda Guerra Mundial, que estava a decorrer desde 1939. Simplesmente, com senhas de racio-

A Radar //

Eduardo Marçal Grilo. “Temos hoje um problema complexo no ensino que é a imigração”

O ex-ministro da Educação admite que atualmente “muitos miúdos chegam à escola com dificuldades no domínio da língua” e que isso é um problema que tem de ser muito bem avaliado e trabalhado: “Não se pode dar um problema escrito de Matemática em português porque não percebe a língua”.

SÓNIA PERES PINTO
 sonia.pinto@ionline.pt

Lançou livros sobre a educação no Estado Novo. Primeiro, Salazar e a Educação no Estado Novo e agora Educação e Liberdade. Como avalia a educação nessa altura?

O Estado Novo tem três ou quatro fases diferentes. No primeiro livro procurei distinguir três períodos que são muito marcantes. O período de Carneiro Pacheco e a sua reforma em 1936, depois as políticas e o papel que desempenharam dois ministros com características muito diferentes: Francisco Leite Pinto e Inocêncio Galvão Teles. Foram os três ministros da Educação de Salazar, pessoas com perfis diferentes, pessoas com mundo, sobretudo Leite Pinto que se tinha licenciado em Paris, era casado com uma russa e tinha uma grande abertura de espírito e, pela primeira vez, começou a falar em investigação científica. Há ainda um outro período no Estado Novo, em que o presidente do Conselho de Ministros é Marcello Caetano e com ele há uma revolução na Educação com o professor Veiga Simão. Marcello Caetano começou o seu mandato em setembro de 1968 e, em janeiro de 1970, depois das eleições no final de 1969 faz uma grande remodelação do Governo e entra para a Educação Veiga Simão que vem de Lourenço Marques, onde era reitor da universidade. Foi ministro entre 1970 e o 25 de Abril de 1974 e foi um período em que assistimos a uma reforma de grande dimensão, diria mesmo

que do Marcelismo a grande reforma foi na área da Educação. Mas Veiga Simão teve imensa dificuldade em avançar com as reformas, sobretudo com a oposição que tinha da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Direito, ainda assim, fez uma lei de bases. A chamada lei de bases para o sistema educativo, em que fez a grande reforma do ensino superior, criando as novas universidades, os politécnicos e as escolas normais superiores.

Diferentes do que são hoje...

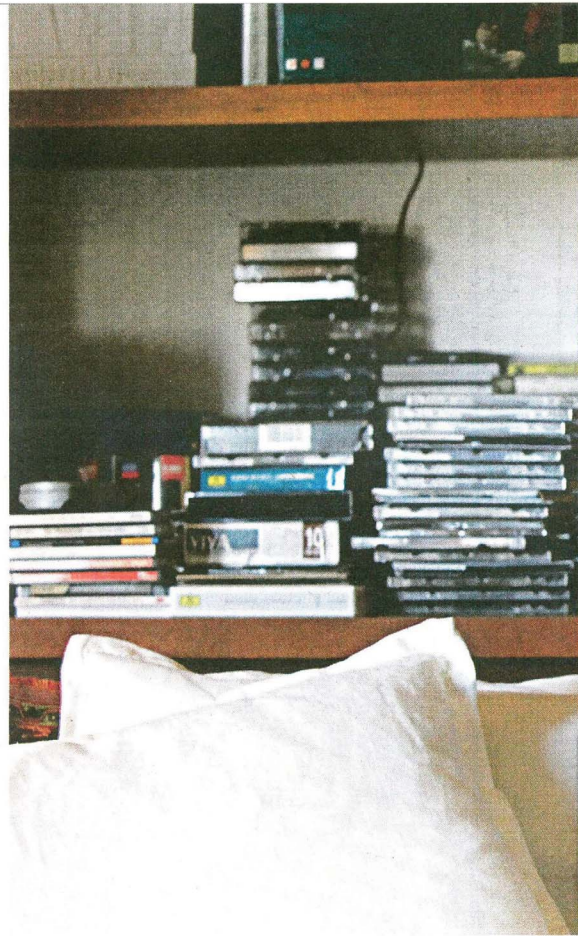
O que existe hoje é uma coisa ligeiramente diferente e com uma génese ligeiramente diferente. Veiga Simão criou dois politécnicos na Covilhã e em Vila Real, mas logo a seguir à revolução passaram para a Universidade da Beira Interior e para a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Os politécnicos tal como os conhecemos hoje aparecem a partir de 1980, baseados numa outra iniciativa, a que esteve muito diretamente ligado quando era diretor-geral do Ensino Superior. Eram as chamadas escolas do ensino superior de curta duração que o Parlamento depois transformou em institutos politécnicos. E aí nasceram variadíssimos institutos politécnicos: Viana do Castelo, Viseu, Castelo Branco, Tomar, Portalegre, Faro, Setúbal e Leiria.

O sistema universalizou-se mais... Sim, mas sobretudo diversificou-se o ensino superior. Em Portugal, o sistema estabilizou-se um pouco a partir dos anos 80 e estabilizou-se no ensino superior. Nos anos 70 assis-

timos a uma grande desvalorização do ensino profissional, em que as escolas técnicas são muito desvalorizadas e só foram recuperadas bastante mais tarde. O que acho muito interessante é que no período de Veiga Simão, entre 70/74, o conjunto de políticas que avançou tiveram um efeito além do sistema democrático, penetram no sistema democrático. Não morreram em 1974, até pelo contrário. Naquela altura, o ensino superior tinha 45 mil pessoas, hoje tem 350 mil no público e mais 80 mil no privado. São realidades muito diferentes, como também é comparável o número de doutorados que havia no país. Por exemplo, o país em 1978 devia ter qualquer coisa como 2600 doutorados e hoje o país produz entre 2800 e três mil doutorados por ano. Estamos a falar de mundos comple-

“No Estado Novo, o ensino superior tinha 45 mil pessoas, hoje tem 350 mil no público e mais 80 mil no privado”

“Comparar a Educação no final dos anos 60 com a de hoje é como comparar a minha terra com Nova Iorque”

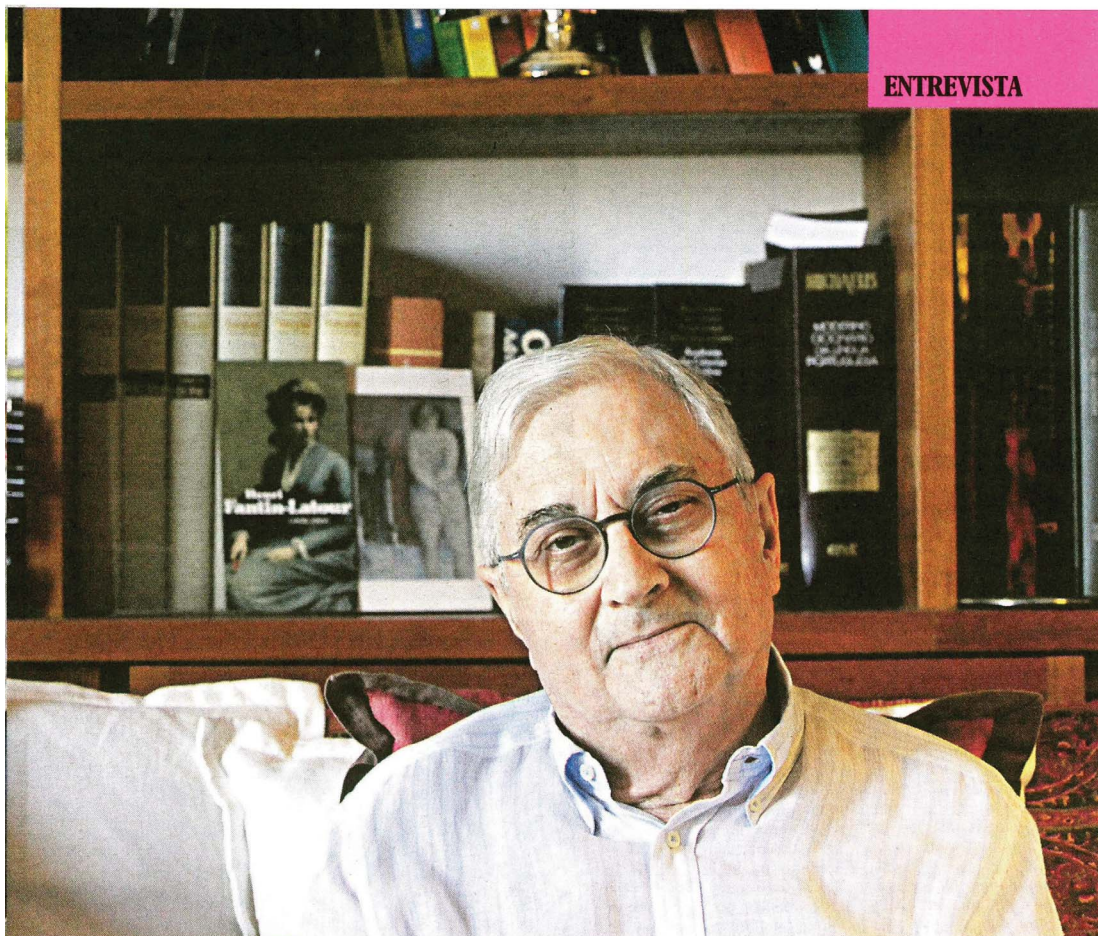


tamente diferentes. Comparar a Educação no final dos anos 60 com a de hoje é como comparar a minha terra com Nova Iorque.

Como vê o atual estado do ensino? Ainda na semana passada um estudo internacional indicava que os alunos do 8.º ano das escolas portuguesas estão pior a Matemática e a Ciências. O que tem falhado?

Não me vou pronunciar muito sobre isso, porque estes devem ser discutidos com grande detalhe e com olho científico. Portugal é um país em que as pessoas acham coisas e quando dizemos que estamos aquém ou além é preciso perceber em relação a quê. As avaliações internacionais que se fazem são de uma enorme importância e acho que temos um problema de qualidade do ensino. Teremos sempre um problema de qualidade no ensino e teremos sempre a necessidade de melhorar o ensino da língua materna, o da Matemática, o das Ciências experimentais. Há sempre um esforço a fazer no sentido de melhorar, melhorar e melhorar e a Matemática foi sempre uma coisa muito complicada, foi sempre uma matéria muito pouco desejada no país e onde nunca tivemos grandes apetências. Mas há duas ou três componen-

tes que são muito importantes. Uma tem a ver com a formação dos professores que é essencial para que possamos ter uma melhoria significativa na formação dos professores e talvez até com revisões dos currículos de formação dos professores, tanto no ensino básico como depois no secundário. Depois um segundo que tem a ver com os sistemas de avaliação, a forma como se avalia, o que se pretende com a avaliação e as metas que são definidas para cada um dos anos. Um terceiro aspeto é a importância da articulação vertical, a Matemática é uma matéria que se aprende com acumulação e se há coisas que têm de ser ensinadas e aprendidas em determinadas fases é a Matemática. A Educação será sempre um problema. Nunca teremos o problema da Educação resolvido, andamos sempre a correr atrás do fazer melhor, do fazer mais. E hoje em dia temos um problema complexo que é o da imigração. Temos muitos miúdos que chegam à escola com dificuldades no domínio da língua e isso é um problema que tem de ser muito bem avaliado e muito bem trabalhado, tanto na formação dos professores como depois no trabalho que se faz nas escolas ao nível do ensino da língua. Há muitas escolas a tentar fazer aulas



ENTREVISTA

Marçal Grilo reconhece que “temos um problema de qualidade do ensino” e que é preciso melhorar o ensino da língua materna, o da Matemática, o das Ciências experimentais

FOTOS: MIGUEL SILVA

de compensação para os miúdos que não dominam a língua portuguesa, mas este é um problema novo.

E é difícil os alunos acompanharem a matéria não sabendo o português...

Não sabendo português é complicadíssimo. Não se pode dar a um miúdo um problema escrito de matemática em português porque não percebe a língua. É preciso fazer uma reflexão e um trabalho de fundo relativamente a esta matéria. Estou muito de acordo com quem defende a

importância da Matemática, a Matemática é uma matéria relevante. Falamos com as pessoas e percebemos que muita gente não percebe Matemática. Há muita coisa a fazer.

Sente que houve uma rutura em termos de ensino antes e depois do 25 de Abril?

Não se pode comparar coisas que não são comparáveis, não se pode comparar um ensino para uma elite no ensino secundário com um ensino massificado como é hoje. Tínhamos no ensino secundário miúdos com 12, 13, 14, 15, 16 anos e era uma elite, tínhamos um número muito pequeno de estudantes. Hoje temos uma massa muito grande porque praticamente o ensino está universalizado. Em relação aos métodos de ensino há diferenças. Não é uma questão de antes ou depois da ditadura, 25 de Abril ou não 25 de Abril tem mais a ver com as escolas que existem pelo mundo, as escolas de pensamento relativamente ao modo como se ensina a Matemática, por exemplo.

Há quem diga que antes do 25 de Abril sabia-se a tabuada de cor, os nomes dos rios e que hoje não...

E quem aprendeu nessa altura ainda hoje sabe o nome dos rios todos de Portugal? Eu não sei, nem sei os afluentes todos, sabia os de cor, como

também sabia todas as estações de caminho-de-ferro, mas não servia para nada. Isso era completamente inútil. No caso da Matemática, o que conta hoje não é saber a tabuada de cor. É saber, por exemplo, uma coisa simples: devemos ou não utilizar uma máquina de cálculo nos primeiros quatro anos de escolaridade? Isso não é linear. Os americanos, a certa altura, na Presidência de Bush filho pôs a funcionar um grupo de trabalho que reunia matemáticos da área científica e da área mais pedagógica que produziu um relatório e, quando estive na Fundação Gulbenkian, trouxe dois especialistas americanos que tinham pertencido a essa comissão para estarem conosco durante dois dias. O grupo começou a trabalhar com milhares de *pappers* que tinham sido publicados sobre como se aprende matemática e tinham chegado ao final validando meia dúzia de documentos por considerarem que só estes é que tinham um conteúdo suficientemente robusto para serem creíveis e um deles era esse. E não havia um consenso sobre a utilização ou não do uso das máquinas de calcular nos primeiros quatro anos de escolaridade obrigatória. Se perguntar a minha opinião diria que a utilização das máquinas de calcular

nos primeiros quatro anos não é desejável. Mas isso sou eu que tive uma formação muito específica e penso que é preciso, além da compreensão da lógica da Matemática, uma certa rotina para o cálculo matemático, ou seja, capacidade para com alguma rapidez resolver uma questão. É preciso perceber uma coisa, estes testes internacionais não são para perguntar se a pessoa sabe quanto são 8x4. O TIMSS [Trends in International Mathematics and Science Study] tem como objetivo a resolução de problemas, coisa ligeiramente diferente. As pessoas não sabem isso porque nunca viram um teste do TIMSS. É certo que o nível subiu muito nos últimos anos ao nível da população, mas quando nos anos 90/94 se fez um estudo sobre as qualificações e as capacidades dos portugueses havia, por exemplo, muitos inquiridos que não sabiam interpretar um horário de autocarros ou uma bula do medicamento Este tipo de problemas são problemas reais, do dia-a-dia. Agora, além do saber pensar há coisas que têm de ser automáticas como, por exemplo, conhecer o sistema métrico que é uma coisa essencial. No entanto, se me perguntar se é mais importante Matemática do que a língua portu-

guesa? Não sei responder. As duas são essenciais para a vida das pessoas. Como também acho que é importante a Física e a Biologia, mas não podemos todos ser especialistas em Física ou em Biologia. Acho que isto tem que ser muito equilibrado. **E é preciso haver bom senso...**

Acho que tudo tem o seu tempo, cada miúdo é um miúdo e cada um tem os seus problemas. Os miúdos têm de ser agrupados pelas suas tendências, pelas suas dificuldades. Mas não é a reduzir o número de alunos e colocá-los numa turma de oito ou 10 que se melhora a qualidade do ensino e um dos aspetos mais relevantes e mais decisivos é a capacidade que os professores têm para identificar aquilo em que os miúdos têm talento, aquilo em que têm dificuldade e, a partir daí, encontrar o melhor método, a melhor forma de abordar esse conjunto de miúdos. Não estou a dizer miúdo a miúdo, isso não será possível mas, pelo menos, por grupo. Nas escolas portuguesas, independentemente daquilo que se possa dizer, há muitos projetos em funcionamento que têm muito mérito para tratar esta matéria que estou a referir. Por exemplo, há dois mais conhecidos que é o Fénix e o Turma Mais. O Turma Mais é um projeto muito interessante, não sei exatamente em quantas escolas está ou se ainda está mas, na altura, em que acompanhei isto com algum detalhe, o Turno Mais representava a criação nas escolas de uma turma que é formada por grupos, de acordo com as suas dificuldades ou com as suas potencialidades.

“Quem aprendeu ainda hoje sabe o nome de todos os rios? Eu não sei e isso era completamente inútil”

“Nos anos 90/94 muitos não sabiam interpretar um horário de autocarros ou uma bula do medicamento”

A Radar //

Para Eduardo Marçal Grilo, "problema da falta de professores é gravíssimo" e refere que "um miúdo que está seis meses sem um professor tem uma lacuna na sua formação"

>> continuação da página anterior

É uma turma que existe além das turmas normais, onde são feitas aulas especiais para aquele grupo de alunos, alunos que avançam e que aprendem muito depressa ou outros que não tanto e têm maiores dificuldades. E a ideia é encontrar um método específico para poder motivá-los, para poderem ultrapassar as suas dificuldades e as suas limitações. Há muitas formas de tratar isto. Para isto é preciso ter escolas com uma razoável autonomia para poderem enfrentar este tipo de problemas.

E as escolas que estão agora integradas em agrupamentos conseguem ter essa perceção?

Sim, porque os agrupamentos são diferentes. O que têm é pré-escolar, básico e secundário. Na teoria, os agrupamentos permitem dentro da mesma organização, no mesmo esquema de governança, acompanhar o miúdo desde os seis anos, quando entra até sair com 17 ou 18 anos no 12.º ano. E isso até pode ser muito vantajoso, porque acompanha o miúdo de ano para ano. O que isto implica e que é um aspeto muito relevante é que a escola funciona como organização. O que quero dizer com isto? Uma escola para ser uma organização deve ter primeiro uma liderança forte – a liderança é absolutamente essencial aliás, quando vamos a uma escola percebemos com alguma facilidade se a escola tem uma liderança forte ou não – depois disso se tem ou não tem um corpo docente estável. A estabilidade do corpo docente é absolutamente essencial. Uma escola que mude 40 ou 50% dos seus docentes de um ano para o outro é uma escola com dificuldade na sua estabilização. Temos casos destes, infelizmente. E temos escolas com muita falta de professores.

A falta de professores é visível no arranque do ano letivo...

Isso é outra matéria que tem a ver com a gestão os professores. O que estou a dizer é outra história. A organização da escola tem a ver com essas duas características que referi: liderança e coesão do corpo docente e sua estabilidade e um terceiro ponto que é fundamental que é a existência ou a construção de um projeto educativo bem adaptado àquela comunidade porque as comunidades são muito diferentes. Se for a uma escola a Oliveira do Bairro não é o mesmo do que ir a uma escola no bairro de Alvalade. São coisas muito diferentes, como a escola na cidade de Castelo Branco é diferente de uma escola que esteja situada, por exemplo, numa zona como Loulé. E depois há uma coisa curiosa é que as escolas muitas vezes têm de mudar o seu projeto educativo porque a comunidade envolvente mudou. Lem-

bro-me que a Escola N.º 1 de Algés servia a Pedreira dos Húngaros, entretanto desapareceu e a população que hoje frequenta a Escola N.º 1 de Algés não tem nada a ver com a outra, logo o projeto não pode ser o mesmo. E aí a responsabilidade é essencialmente de quem dirige a escola porque a escola tem de conhecer bem a comunidade que serve.

E saber adaptar-se às necessidades...

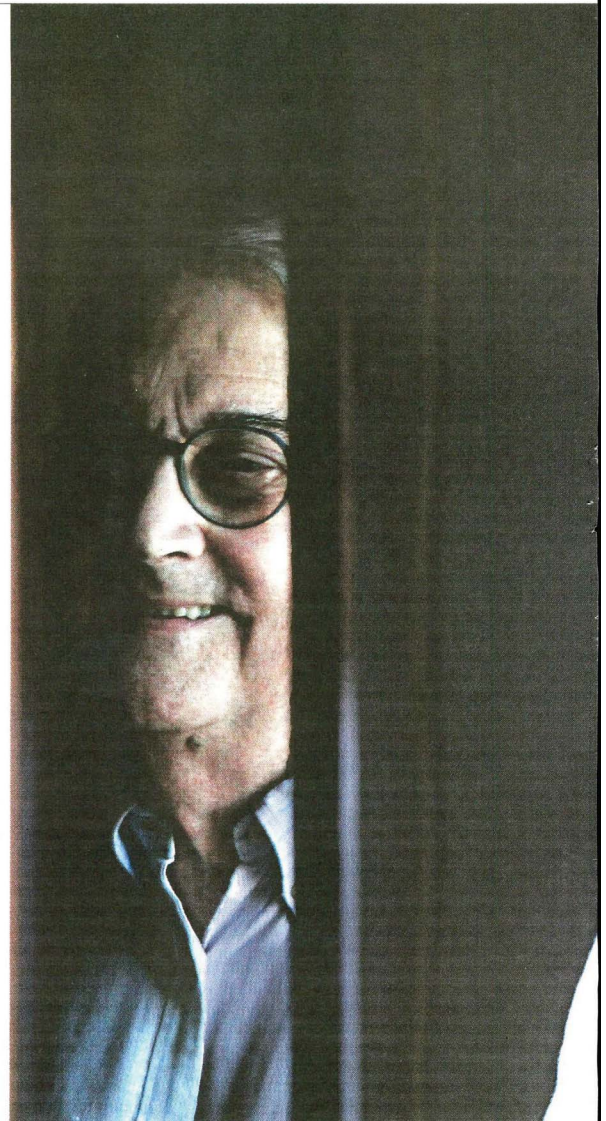
Tem de se adaptar e perceber quais são os problemas que tem. Os exemplos que dei não foi por acaso. Por exemplo, lembro-me que Oliveira do Bairro há uns anos, agora não sei como está mas tinha problemas sociais graves e uma escola que tem uma comunidade com problemas sociais graves é evidente que esses problemas acabam por aparecer dentro da escola. Aparecem problemas de marginalização, problemas de conflito, etc. e a escola não vive numa bolha. A escola vive integrada na sociedade e na comunidade a que pertence.

Em relação à gestão de professores e à falta de professores. Como se pode resolver o problema, já que prejudica os alunos?

Claro que prejudica, prejudica imenso. Um miúdo que está seis meses sem um professor tem uma lacuna na sua formação. E isso tem de ser tido em conta na maneira como se trata esse miúdo e como é encarado pela escola. Ele e a turma. O problema da falta de professores é um problema gravíssimo. Mas é um problema que não é só nosso. Os americanos tiveram esse problema em larguíssima escala e até criaram um projeto para recrutar professores que não eram propriamente professores. Não tinham tido formação de professores, não tinham sido treinados para ser professores. Esse é um problema muito, muito grave, muito delicado. Este ano tenho ideia de

“As escolas devem apostar na construção de um projeto educativo bem adaptado à comunidade”

“Se for a uma escola a Oliveira do Bairro não é o mesmo do que ir a uma escola no bairro de Alvalade”



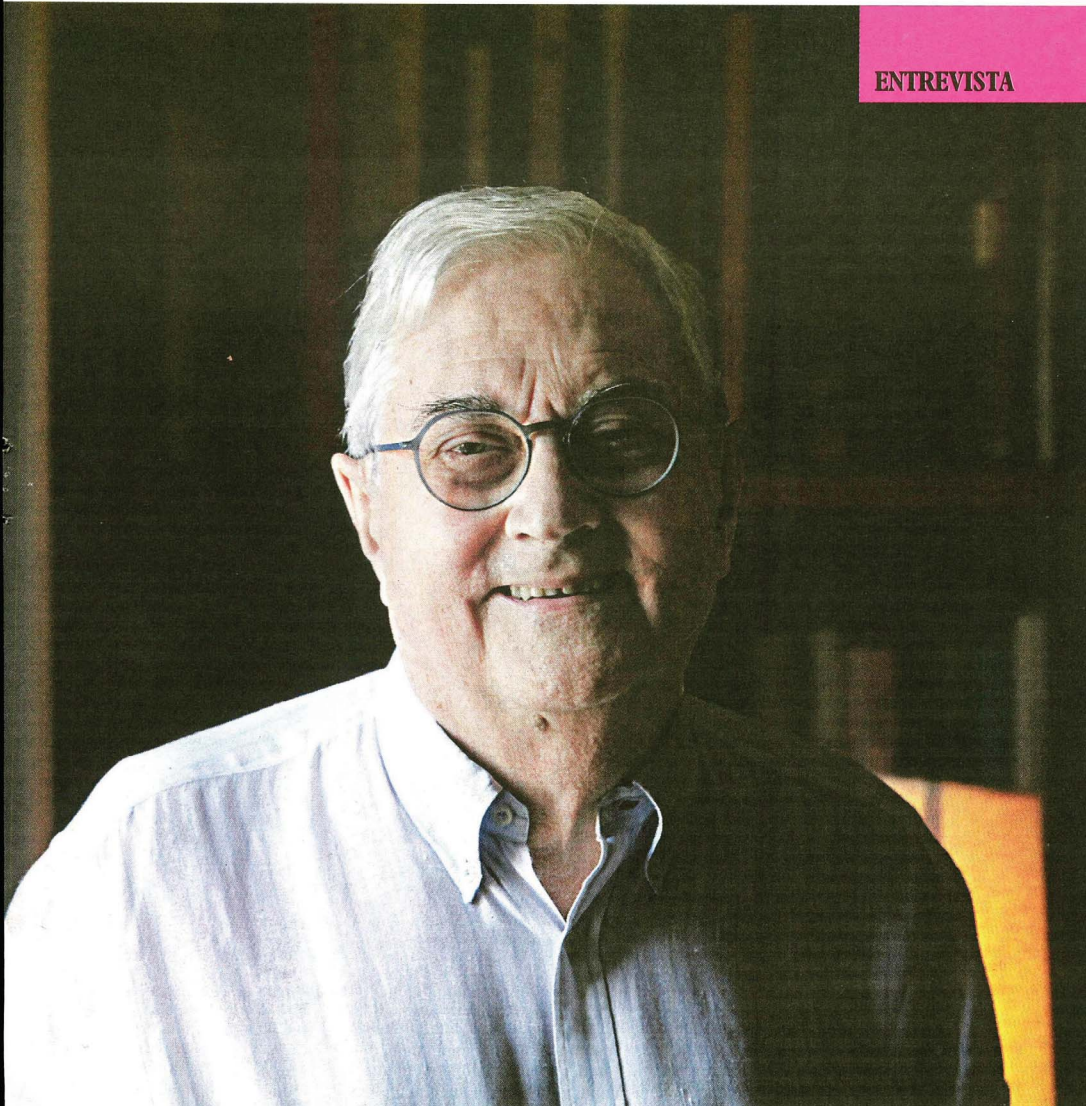
que os cursos de formação de professores tiveram uma procura muito superior a que tinha tido em anos anteriores, mas o resultado disso, em termos práticos, só se vai fazer sentir daqui a uns anos. É gente nova que entrou e só daqui a três ou quatro anos é que teremos resultados. São problemas que não se resolvem de um dia para o outro.

É considerado o pai do pré-escolar e tem defendido que é base para todo o ensino...

Acho que o pré-escolar é essencial. E uma parte significativa das melhorias que o país teve deve-se muito ao pré-escolar. O grande arranque foi feito a partir de 96/97/98 e hoje entre os três, quatro e cinco anos cobrimos noventa e muito por cento dos miúdos. O pouquinho que falta que ainda são 3% ou 4% são os que mais necessitam. Os que ficam de fora são aqueles que deviam estar integrados e que mais necessitariam

de ter pré-escolar. Fui um grande entusiasta do pré-escolar, muito antes de estar no Governo, sempre fui um grande entusiasta porque eu próprio tive a felicidade enorme de ter frequentado o pré-escolar, numa altura, em que o pré-escolar era muito raro. Fui para o pré-escolar em 1945, no final da Segunda Guerra e nasci numa cidade em que um grande entusiasta levou o jardim escola para Castelo Branco e acabei por ficar muito marcado pelo jardim escola em vários títulos. Por um lado, vivia numa família muito fechada e muito conservadora e isso permitiu-me contactar com muitos outros miúdos num mundo fora da minha casa. E, por outro lado, porque tive a oportunidade de contactar com pessoas de níveis social muito diferentes. O jardim escola tinha um projeto que ainda hoje tem que é de ser muito aberto e diria muito democrático. Fiquei muito marcado.

ENTREVISTA



Dá defender a importância de todos passarem por essa fase?

É muito importante pelo contacto porque o pré-escolar não é feito propriamente para ensinar a ler, nem para ensinar a fazer contas. Isso é feito na escola. Por acaso aprendi, mas o grande objetivo é socializar os miúdos, é integrá-los, é pô-los em contacto com os outros e pô-los em contacto com os adultos sem serem o pai e a mãe e a família. E isso é muito importante e o que se nota é que os miúdos que têm pré-escolar apresentam um comportamento diferencial em relação aos que não tiveram, não é imediatamente no início da escola, mas é mais tarde.

Tem defendido que a Educação é um salto para o desenvolvimento económico do país. Hoje temos a geração mais preparada de sempre, mas em termos económicos isso não se reflete...
Essa é uma matéria muito compli-

“Uma parte significativa das melhorias que o país teve deveu-se muito ao pré-escolar”

“Se não tivéssemos pessoas qualificadas então é que não cresceríamos nada”

cada e complexa. Até há pouco tempo havia a ideia de que a Educação só era procurada e só se desenvolvia quando havia crescimento económico. Ou seja, havia crescimento económico, as pessoas passavam a ter maior disponibilidade financeira e, portanto, havia maior capacidade para aprender, para ir à escola, para comprar livros, etc. Hoje em dia, o conhecimento tornou-se a base do desenvolvimento, a base da competitividade, do aumento da produtividade. No entanto, o país tem uma estrutura económica muito fraca, muito débil e grande parte da nossa mão-de-obra não precisa de ser muito qualificada porque o turismo, a restauração e os hotéis que representam 17, 18, 19, 20% do PIB português não precisam de gente particularmente qualificada. Mas se quisermos fazer um salto, por exemplo, para uma economia assente em empresas tecnológicas isso já exige

conhecimento, formações em gestão, em engenharia etc., ou seja, só se consegue com pessoas qualificadas. O crescimento tem a ver com muitos fatores: investimento, capacidade de exportação, penetração nos mercados e o nosso tecido empresarial é fraquíssimo, 98 e não sei quantos por cento são pequenas, médias ou microempresas. São empresas pequeníssimas. Temos milhares ou centenas de milhares de empresas pequenas e aí ter um gestor com um MBA tirado em Harvard é completamente irrelevante. Por isso, é muito relativo dizermos que temos gerações mais qualificadas e não crescemos. Se não tivéssemos pessoas qualificadas então é que não cresceríamos nada.

Também chegou a dizer que a escola dá asas e faz voar. Essa ideia já está interiorizada na maior parte dos portugueses?
Escrevi um livro que se chama *Se*

Não Estudas, Estás Tramado. Os nossos jovens, os nossos adolescentes e as respetivas famílias, têm de perceber a importância do conhecimento e não é só o conhecimento de saber Matemática ou saber os *Lusiadas* de cor, não é só isso, é a atitude que se tem de ter. É a pessoa assumir-se de uma forma proativa. Isso quer dizer que a pessoa tem de assumir o seu papel e pôr as suas ideias ao serviço das estruturas em que estão integradas, seja uma estrutura estatal, seja uma empresa, seja uma fundação, seja o que for. A pessoa tem de olhar para a empresa onde vai trabalhar e dizer em que pode melhorar o seu funcionamento. Deve perguntar: Qual é o contributo que sou capaz de dar? Já contei isto várias vezes, viajei há muitos anos com uma pessoa ao meu lado que não conhecia e que era CEO de uma grande empresa internacional e falou-se no recrutamento. E explicou que havia um grupo que fazia a seleção dos candidatos de acordo com os currículos, mas depois ele próprio entrevistava os últimos oito ou dez e o que mais lhe interessava não eram as respostas às perguntas que fazia, mas as perguntas que lhe faziam relativamente à empresa porque mostrava o interesse do candidato. Uma pessoa ir para uma empresa para fazer o *lhe mandam* é uma ideia que começa a estar fora de moda, a pessoa deve ir para uma empresa para poder dar um contributo. Agora temos é de ter empresas preparadas para isso e isso implica que tenham uma certa dimensão, um certo sistema de governo interno, etc. Isto implica um trabalho de equipa e de organização interna que muitas das nossas empresas não têm, até porque não têm dimensão, infelizmente. Esperemos que venham a ter.

A Radar //

Ensino alternativo. Uma possibilidade que ainda não está ao alcance de todos



Os modelos de ensino alternativos ganham cada vez mais fama e Portugal não é exceção. O *i* falou com encarregadas de educação que têm os filhos no método de educação Montessori, no Waldorf e no denominado ensino democrático e inclusivo para perceber o que está em causa.

MARIA MOREIRA RATO
maria.rato@ionline.pt

Em Portugal, além do ensino tradicional, existem diversos métodos de ensino alternativos que têm vindo a ganhar popularidade. Estes focam-se em abordagens pedagógicas centradas no aluno, em princípios de autonomia, criatividade e experiências práticas. Algo de que já ouvimos falar mais habitualmente são os Percursos Curriculares Alternativos (PCA) no ensino básico. Constituem uma modalidade de organização curricular que visa flexibilizar a educação para alunos com necessidades educacionais específicas. Estes percursos são oferecidos a alunos do 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, especialmente aqueles que, devido a dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais ou sociais, não se adequam completamente ao currículo tradicional.

No entanto, existem outros modelos. Por exemplo, o método de ensino Montessori, baseado nos princípios de Maria Montessori, valoriza a autonomia, a aprendizagem prática e o respeito pelo ritmo de cada criança. As escolas Montessori em Portugal promovem ambientes pre-

parados onde os alunos escolhem atividades de acordo com os seus interesses e trabalham de forma independente ou em pequenos grupos. Beatriz, que já teve um dos filhos a estudar na Eden Montessori International School, em Albufeira, partilha com o *i* a sua perspectiva. "Fiquei impressionada com o quanto o meu filho se tornou autónomo. Começou a tomar decisões sobre o que quer aprender e a organizar o seu tempo. É algo que não esperava numa idade tão precoce", confessa.

"O ambiente da escola é tão tranquilo e organizado! Tudo está ao alcance das crianças e cada material parece ter um propósito claro. Isto ajudou o meu filho a focar-se e a explorar as coisas ao seu ritmo", adianta a mãe. "Acho incrível como os professores respeitam o ritmo de aprendizagem de cada criança. O meu filho nunca se sentiu pressionado ou comparado com os colegas, o que o fez ganhar confiança em si mesmo", sublinha.

"Desde aí, adora trabalhar com as mãos. Aprendeu matemática e leitura através de materiais concretos que tornam o abstrato mais tangível e divertido! Uma coisa que adoro é que respeitaram os interesses e as pai-

xões do meu filho. Ele começou a mostrar curiosidade por ciências e, na escola, encontraram maneiras de estimular isso", indica, destacando que existiram mudanças visíveis no menino até fora da escola. "Começou a arrumar os brinquedos, ajudar na cozinha e até a vestir-se sozinho. Foi como se aprendesse a ser mais responsável sem eu ter de insistir", frisa a encarregada de educação.

Outra vertente de ensino que exis-

te é a do Ensino Waldorf, criado por Rudolf Steiner, dá ênfase ao desenvolvimento integral da criança (intelectual, artístico e prático). Este método utiliza histórias, arte, música e atividades manuais para estimular a aprendizagem. Em Portugal, há escolas Waldorf em várias regiões, com programas que se adaptam ao currículo nacional. Inês é mãe de duas meninas, de idades distintas, que estudam n'Os Aprendizexes, em Cascais, e também explica ao *i* aquilo que pensa deste modelo alternativo.

"Acho incrível como o ensino Waldorf valoriza o desenvolvimento integral da criança. Não se trata apenas de aprender matemática ou leitura, mas de crescer com pessoa, emocionalmente, artisticamente e socialmente", enfatiza. "As minhas filhas passaram a adorar desenhar, pintar, fazer trabalhos manuais e tocar instrumentos. Nunca imaginei que tivessem tanto talento criativo".

"Na escola, respeitam os ritmos naturais das crianças. Há uma cadência calma no dia-a-dia e isso ajudou as minhas filhas a sentirem-se mais equilibradas e menos ansiosas", continua. "Uma das coisas de que mais gosto é que não há pressa para intro-

"O ambiente da Eden Montessori é tranquilo e organizado!, diz uma encarregada de educação

"Foi como se aprendesse a ser mais responsável sem ter de insistir", partilha a mesma mãe



EDUCAÇÃO

Nos modelos de ensino que são considerados alternativos, as crianças e os adolescentes têm acesso a atividades que, habitualmente, são raras nas escolas tradicionais. Por exemplo, o contacto frequente com a natureza é privilegiado, assim como o aprofundamento dos trabalhos manuais, das atividades desportivas e da educação musical

JOÃO PORFÍRIO

duzir coisas como leitura e escrita. Focam-se primeiro em histórias, imaginação e brincadeira, e isso ajuda as minhas filhas a ganhar amor pela aprendizagem sem pressões”, avança.

“As salas de aula são tão acolhedoras! Com luz suave, móveis de madeira e materiais naturais, parecem um lugar onde a criatividade e a tranquilidade surgem naturalmente. São muito diferentes das salas de aula tradicionais”, sublinha. “Os miúdos aprendem muito através de atividades práticas – desde cozinhar até tecer e trabalhar com madeira. Acho maravilhoso que as minhas filhas estejam a desenvolver estas competências manuais”, aponta.

“As atividades ao ar livre são uma parte essencial. Passaram a valorizar muito a natureza. E as caminhadas, jardinagem e exploração do meio ambiente tornaram-se parte da nossa rotina familiar”, constata. “A escola não se foca apenas no futuro profissional das crianças, mas em prepará-las para serem pessoas compassivas, criativas e com um profundo respeito pelo mundo”, finaliza a mãe das duas meninas.

Por outro lado, existe uma escola pública considerada inovadora que

tem servido de modelo para outras. É a Escola da Ponte, localizada em Santo Tirso e fundada há 40 anos por José Pacheco. Tornou-se conhecida pela sua abordagem inovadora ao ensino. Abrange o pré-escolar e os três ciclos do ensino básico, desafia os métodos tradicionais de ensino e gestão escolar. A filosofia da Escola da Ponte é frequentemente descrita como transformadora, mas difícil de resumir.

Catarina tem o filho matriculado nesta instituição de ensino e não está arrependida. “Estou encantada com a forma como a Escola da Ponte coloca o meu filho no centro da sua própria aprendizagem. Ele não só escolhe o que estudar, mas também participa ativamente no planeamento e avaliação das atividades. É incrível ver como tem autonomia e responsabilidade e a maneira como aprende de forma colaborativa com os outros alunos”, explica. “A comunicação constante entre pais, alunos e tutores é um ponto que valorizo muito e sinto que estamos todos envolvidos neste processo de aprendizagem contínua”.

A perspetiva de Catarina vai ao encontro daquela que o escritor e jornalista Paulo M. Morais veiculou

ao escrever o livro **Voltemos à Escola**, publicado em 2017. Esta obra oferece uma análise detalhada da Escola da Ponte, sendo que o autor descreve a escola como um espaço onde as disciplinas são substituídas por valências, o ensino é colaborativo e os alunos assumem uma parte significativa no seu próprio processo de aprendizagem.

A escola propõe um modelo de ensino que promove a autonomia, a res-

ponsabilidade e a colaboração. Não há professores no sentido tradicional, mas sim tutores que orientam os alunos, e as aulas são estruturadas de maneira flexível, com os alunos a organizarem o seu próprio plano de estudos dentro de um período de duas semanas. Este é o denominado ‘Plano da Quinzena’. A ausência de campanhas e o ensino baseado na ajuda mútua entre todos os membros da comunidade escolar (alunos, educadores e encarregados de educação) tornam a Escola da Ponte um ambiente único.

PREÇOS QUE NÃO SÃO PARA TODAS AS CARTEIRAS

O autor também reflete sobre a necessidade urgente de transformação no sistema educacional tradicional, questionando o modelo que permanece essencialmente inalterado por mais de um século e sugerindo que modelos como o da Escola da Ponte podem ser uma resposta a essa estagnação. Contudo, estes modelos de ensino alternativos não estão ao alcance de qualquer pessoa quando falamos do ensino privado. Por exemplo, o preçário da Eden Montessori (2022-2023) inclui opções para diferentes faixas etárias e pacotes. Para

“As minhas filhas passaram a adorar desenhar, pintar, fazer trabalhos manuais e tocar instrumentos”

“A escola não se foca apenas no futuro profissional das crianças”, explica a mãe das estudantes do Ensino Waldorf

os 3-6 anos, as mensalidades variam entre 395 e 590 euros, dependendo da carga horária. Dos 6-9 anos custa entre 590 e 690 euros. Existem também a opção de horário alargado (75 a 90 euros por mês) e almoço (30 a 75 euros por semana). Há taxas adicionais, como a taxa de matrícula (25 euros), taxa anual de materiais (250 a 300 euros) e descontos para irmãos. O pagamento pode ser feito mensalmente ou anualmente.

Já relativamente à escola Os Aprendizes, o valor anual varia de 8.030 a 11.330 euros consoante a faixa etária. Ou seja, por mês, os encarregados de educação podem pagar um valor que varia entre os 730 e os 1.030 euros. O documento consultado pelo *i* apresenta o preçário do ano letivo 2021-2022 e destaca as taxas para novos e atuais alunos, incluindo mensalidades com alimentação, seguro de acidentes e contribuições para manuais escolares. Também são listadas taxas para exames do Cambridge IGCSE e A levels. Além disso, há valores de atividades extracurriculares como dança, karatê, música e transporte, tal como custos adicionais para prolongamento de horário e serviços esporádicos.

A Radar //

Cursos Profissionais. Uma opção para os 'menos capacitados'?

Por décadas, os cursos profissionais carregaram o peso de serem um ensino de 'segunda linha', mas Pedro Major, diretor da Insignare, garante que "são cada vez mais a escolha das empresas".

DIANA GOMES
 diana.gomes@newsplex.pt

O estigma sobre os cursos profissionais levou a que, por muitos anos, se considerasse a existência de um ensino de primeira e de segunda categoria. Ir para um curso profissional ainda é visto como uma opção para os "menos capazes" ou para quem não tem tanto jeito para matemática ou português. Mesmo a nível europeu, num estudo realizado pela McKinsey, mais de 5200 jovens de 8 países (incluindo Portugal), assumem o preconceito face ao ensino profissional. Em cinco países, os estudantes que concluíram uma licenciatura universitária consideram que a sociedade valoriza mais um curso académico do que o ensino profissional. Ao mesmo tempo acreditam que o ensino profissional teria, provavelmente, sido mais útil para encontrarem um emprego.

➤ **CURSOS PROFISSIONAIS SÃO SÓ PARA OS 'MENOS CAPACITADOS'?** De acordo com o PISA 2022, os alunos do Ensino Profissional apresentam maiores quebras no desempenho nos três domínios em avaliação – Leitura, Matemática e Ciências – e têm o estatuto socioeconómico mais baixo. Há ainda uma tendência dos estudantes de famílias com formação mais baixa optarem pelos Cursos Profissionalmente Qualificantes do que os estudantes de famílias com mais formação académica, que procuram mais os Cursos Cien-

tífico-humanísticos, conclui o estudo do EDULOG.

Este estudo identificou os três tipos de perfis de alunos que frequentam o ensino profissional em Portugal: o perfil dominante são estudantes com historial de baixo desempenho académico; mas há também alunos com um histórico de bom desempenho escolar e motivados pelo "ensino aplicado, a aprendizagem de uma profissão e a perspetiva de empregabilidade"; e os que não pretendem ou ponderam entrar no mercado de trabalho, mas sim prosseguir estudos no ensino superior.

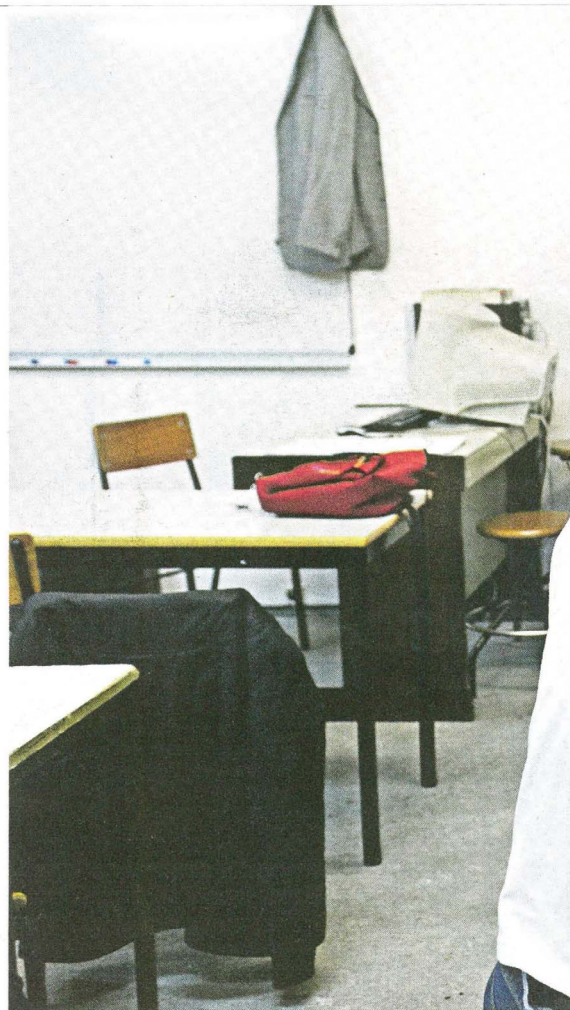
Ainda assim, estes indicativos não chegam para traçar um quadro de 'menorização' do ensino profissional

Alunos com historial de baixo desempenho académico são perfil dominante no ensino profissional

Mais de metade dos que optam por cursos profissionais conseguem emprego em 14 meses

em relação ao ensino regular, garante Pedro Major, diretor executivo da Insignare, entidade que detém a Escola Profissional de Ourém e a Escola de Hotelaria de Fátima. "Os cursos profissionais são uma excelente oportunidade de formação prática e não se limitam a ser apenas para aqueles com dificuldades em Matemática ou Português", defende. E acrescenta: "Estes cursos foram desenhados para preparar os jovens para o mercado de trabalho, dotando-os de competências técnicas necessárias para o desempenho de uma profissão. Além disso, oferecem também uma formação em disciplinas teóricas, mas com um enfoque aplicado e prático, o que pode ser mais adequado ao perfil de muitos alunos."

CURSOS PROFISSIONAIS: 51% ARRANJAM EMPREGO EM 14 MESES Outro dos preconceitos que existe relativamente ao ensino profissional é o de que as empresas desvalorizam quem vem de cursos profissionais, principalmente com uma procura crescente por quadros qualificados. "Em determinados setores de atividade, os cursos profissionais são muito mais valorizados, enquanto em outros, as empresas podem preferir candidatos com uma formação mais académica", admite Pedro Major. "A medida que o mercado de trabalho evolui e a procura por competências específicas aumenta, os cursos profissionais têm sido a escolha das empresas. Todos os dias



assistimos, na comunicação social, a empresários a afirmar que o país tem falta de quadros intermédios especializados".

A verdade é que os dados têm apontado nesse sentido. De acordo com o estudo "Guia sobre o Ensino Profissional: uma escolha com futuro", da Fundação José Neves, um aluno do Ensino Secundário Profissional tem maior facilidade em entrar no mercado de trabalho do que um aluno dos Cursos Científico-humanísticos. Mais de metade (51%) dos que optam por cursos profissionais conseguem emprego 14 meses após concluir o curso e 1 em cada 5 desses jovens obtém emprego na empresa onde estagiou.

Este dado reflete a importância do plano curricular típico dos cursos profissionalizantes, mais focado na prática e na formação em Contexto de Trabalho, já que a maioria dos cursos inclui estágios obrigatórios nas empresas, geralmente com duração de 600 horas, permitindo que os alunos tenham contacto real com o mercado de trabalho.

O diretor da Insignare explica que

este é um traço distintivo dos cursos profissionais e que, pelo contrário, "os planos dos Cursos Científico-humanísticos preparam os jovens para o prosseguimento de estudos em detrimento do ingresso no mercado de trabalho".

NÚMERO DE ALUNOS NO ENSINO PROFISSIONAL QUADRUPLOCA EM 20 ANOS Seja para evitar a matemática e o português ou para dar um salto mais rápido para o mercado de trabalho, a verdade é que o número de alunos a optar pelo ensino profissional em Portugal quadruplicou em duas décadas, segundo os dados do EDULOG. Se em 1995, entre 449.663 alunos a frequentar o ensino secundário, 26.198 estavam no profissional, em 2016 esse número era significativamente maior (112.395).

Atualmente 45% de estudantes estão no Ensino e Formação Profissional, sendo que Portugal ocupa a 19.ª posição do ranking europeu de países com mais alunos a frequentar esta tipo de ensino, segundo o mesmo estudo. Já no primeiro lugar do ranking está a República Checa com 73%.

EDUCAÇÃO



“Os cursos profissionais não são apenas para aqueles com dificuldades em Matemática ou Português”, garante Pedro Major

ANA NABAIS

CIÊNCIAS INFORMÁTICAS SÃO A ÁREA COM MAIS DIPLOMADOS Hoje, com um mundo em constante mudança, o mercado pede cada vez mais profissionais com competências digitais e tecnológicas. Tal como acontece na sociedade em geral, enquanto alguns cursos profissionais estão a acompanhar as tendências, outros estão a ficar para trás.

Pedro Major admite que “à medida que a tecnologia vai avançando os planos curriculares vão-se tornando ligeiramente desajustados”, mas que cabe a cada escola ultrapassar essa questão “com a introdução de novas matérias/abordagens na lecionação dos cursos”.

Para isso, a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional,

IP (ANQEP) está a proceder à renovação do Catálogo Nacional de Qualificações, com a atualização/revisão da oferta profissionalizante para adaptar os currículos às reais necessidades das empresas.

Prova de que as áreas tecnológicas são cada vez mais relevantes é que quase 30% de diplomados em cursos profissionais estão em áreas

ligadas à tecnologia e digitalização.

Segundo a edição de 2024 do relatório “Estado da Nação: Educação, Emprego e Competências em Portugal”, as Ciências Informáticas são a área de educação e formação com mais diplomados, cerca de 14,4% do total, em 2021/22. A estes, juntam-se 5,3% de diplomados de cursos de Eletrónica e Automação, e

9,5% de cursos de Audiovisuais e Produção dos Media.

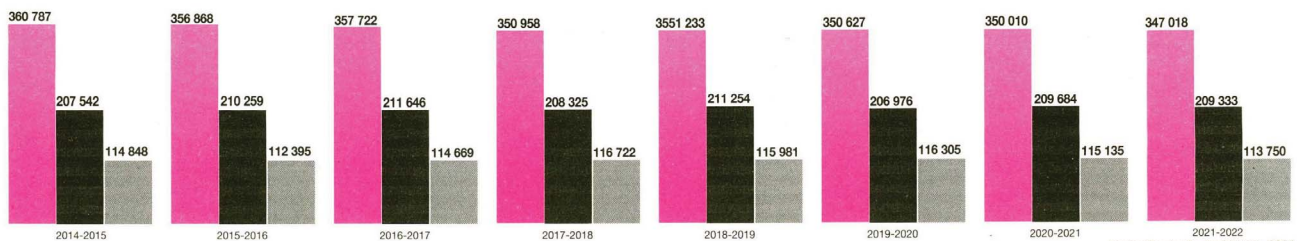
Sobre a oferta de formação prática em áreas emergentes, como inteligência artificial (IA), energias renováveis ou design digital, Pedro Major refere que “a presença nos planos curriculares de cursos profissionais está a aumentar, mas a sua utilização pode variar dependendo da escola e do curso”.

“Qualquer professor/formador sabe que a IA está disponível quer para os docentes/formadores quer para os alunos, pelo que tem de fazer um esforço no sentido de a usar como ferramenta para a lecionação, por forma a conseguir estimular de forma mais assertiva os alunos”, defende.

NÚMERO DE JOVENS INSCRITOS NO ENSINO SECUNDÁRIO

TOTAL DE CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS E CURSOS PROFISSIONAIS (2014-2015, 2021-2022)

■ Ensino Secundário - TOTAL
 ■ Cursos Científico-humanísticos
 ■ Cursos Profissionais



Fonte: Fundação José Neves, 2024.

educação

PARA QUE SERVE O QUE APRENDEMOS NA ESCOLA?



“Faria muito mais sentido aprendermos culinária ou bricolage do que os cognomes dos reis”.

Os pontos de vista de alunos e professores

Português e Matemática. O que está na origem de bons e maus desempenhos

“A minha professora dava-me com cada reguada...”

As recordações de quem estudou durante o Estado Novo

Eduardo Marçal Grilo:

“Comparar a Educação dos anos 60 com a de hoje é como comparar a minha terra com Nova Iorque”

PÁGS. 2-21